



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**DANIELLE ROCHA ANGELIM DA SILVA  
JOSIANE JORDÃO SILVA**

**A LINGUAGEM DA CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

**JACOBINA- BAHIA**

**2019**

**DANIELLE ROCHA ANGELIM DA SILVA**

**JOSIANE JORDÃO SILVA**

**A LINGUAGEM DA CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas Campus IV, Jacobina-BA.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ione Oliveira Jatobá Leal.

**JACOBINA-BAHIA**

**2019**

**DANIELLE ROCHA ANGELIM DA SILVA**

**JOSIANE JORDÃO SILVA**

**A LINGUAGEM DA CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas Campus IV, Jacobina.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientadora, Dra. Ione Oliveira Jatobá Leal  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

---

Prof. Ma. Joseane Gomes de Araújo  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

---

Prof. Dr. Marcone Denys dos Reis Nunes  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus por ter nos guiado em todos os momentos, e ajudado a superar os desafios em nossa caminhada acadêmica.

Aos nossos pais, Girmacel e Iolanda, Maria da Glória e Jailton, pelo apoio e por todo amor dedicado a nós.

Aos nossos irmãos e demais familiares pelo carinho e apoio oferecido.

A Diêgo, Marli e Carlos Augusto pelo incentivo e companheirismo durante toda nossa trajetória.

Aos nossos colegas de curso, em especial a Adelvan, Adriana, Alane, Ewerthon e Rahul pelo estímulo e por dividirem conosco as angústias e experiências vivenciadas durante a caminhada acadêmica.

A direção e aos professores do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Souza, de Serrolândia - Bahia, peças fundamentais para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

A professora doutora Ione Oliveira Jatobá Leal, nossa orientadora, pelo carinho e auxílio na realização da pesquisa.

Aos nossos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Campus IV, que direta ou indiretamente contribuíram para nossa formação, em especial a Joseane Gomes de Araújo por nos incentivar e auxiliar na compreensão do conhecimento cartográfico.

De maneira geral a todos os nossos amigos que sempre estiveram torcendo pelo nosso sucesso.

“O espaço é o objeto comum de investigação da Geografia e da Cartografia, uma sendo o conteúdo e a outra, a linguagem, portanto indissociáveis” (PASSINI, 2012. p.51).

## RESUMO

A Cartografia, no âmbito da Geografia Escolar se apresenta como uma linguagem que permite a representação dos fenômenos que ocorrem no espaço, contribuindo com as discussões geográficas em sala de aula. Entretanto, a Cartografia na educação básica, muitas vezes, é vista como um conhecimento complexo tanto para os alunos como até mesmo para professores, o que contribui para o estudo generalizado dos conceitos cartográficos. Partindo dessa perspectiva, diversos fatores como as metodologias de ensino dos professores e os materiais didáticos utilizados influenciam notoriamente no processo de ensino e aprendizagem dessa linguagem. A pesquisa traz a seguinte pergunta: Quais os principais problemas que os professores de Geografia do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Souza encontram para trabalhar a linguagem cartográfica? O recorte espacial escolhido foi a cidade de Serrolândia, Bahia, tendo como sujeitos/participantes da pesquisa docentes que lecionam Geografia nessa unidade escolar. O objetivo do trabalho foi analisar os principais problemas que esses professores se deparam ao trabalharem a linguagem cartográfica, bem como contribuir, por meio de propostas didáticas, com a prática docente dos sujeitos da pesquisa. Visando alcançar o objetivo do trabalho, foi adotada a abordagem qualitativa, visto que essa permite uma relação mais dinâmica entre pesquisador e objeto de estudo. Em relação ao método a pesquisa seguiu os procedimentos técnicos do estudo de caso. Buscando fundamentar as discussões realizadas no trabalho foram utilizados os procedimentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental, além da pesquisa de campo que permitiu uma interação com a realidade em que o fenômeno estudado ocorre. As práticas docentes são importantes no que se refere a Cartografia Escolar, entretanto vários fatores que cercam essa profissão acabam dificultando o processo de ensino e aprendizagem do saber cartográfico. A partir da pesquisa percebeu-se que a realidade em que os professores do COMAGS são submetidos não foge do cenário educacional brasileiro, em que a precarização da educação é infelizmente mais um obstáculo a ser enfrentado pelo profissional docente.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar; Linguagem cartográfica; Ensino e aprendizagem.

## ABSTRACT

The Cartography in the context of School Geography itself introduce like a language that allows the representation of phenomenon that occur in the space, contributing to the Geographic discussions in the classroom. However, the Cartography in the basic education, oftentimes, it is seen as a complex knowledge for both students and even teachers, what contributes to generalization study of the Cartographic Concepts. From this perspective, several factors like the teaching methodologies of the teachers and the didactic materials used have a significant influence on the teaching and learning process of this language. The survey brings up the following question: What are the main problems that Geography teachers of Municipal High School Arionete Guimarães de Souza find to work the Cartography language? The chosen spatial cut was the city of Serrolândia, Bahia, having the subjects/participants of the research teachers who teach Geography in this School Unit. The aim of this paper was to analyze the main problems that these teachers face when working with the Cartographic language, as well as contribute, through didactic proposals, with the teaching practice of the research subjects. In order to achieve the objective of the work, it was adopted the qualitative approach, because it allows a more dynamic relationship between researcher and the object of study, and in relation to the research method it followed the technical procedures of the case study. Seeking to substantiate the discussions held in the work, they were used the procedures of bibliographical research and documentary research, beyond the field of research that allowed interaction with the reality in which the studied phenomenon occurs. The teaching practices are important in relation to School Cartography, however, several factors surrounding this profession end up hindering the process of teaching and learning of the Cartographic know. From the research, it was noticed that the reality in which the teachers of the COMAGS are submitted do not escape the Brazilian educational scenario, where the precariousness of education is unfortunately another obstacle to be faced by the teaching professional.

**Key Words:** School Geography; Cartographic language; Teaching and Learning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Jogo de Localização.....	45
<b>Figura 2</b> - Jogo de Localização.....	45
<b>Figura 3</b> - Painel de Coordenadas. ....	46
<b>Figura 4</b> - Painel de Coordenadas. ....	47
<b>Figura 5</b> - Exemplo de gráfico de coluna produzido com caixas de ovos. ....	53
<b>Figura 6</b> - Exemplo de gráfico de linha produzido com caixas de ovos.....	53
<b>Figura 7</b> - Imagem de satélite do lixão de Serrolândia. ....	55
<b>Mapa 1</b> - Mapa de localização do município de Serrolândia – BA com destaque para o Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa. ....	14
<b>Mapa 2</b> - Mapa de pontos de referência de Serrolândia-BA. ....	49
<b>Mapa 3</b> - Mapa de Localização do Lixão Municipal de Serrolândia-BA. ....	54
<b>Gráfico 1</b> - Formação acadêmica dos docentes. ....	30
<b>Gráfico 2</b> - Carga horária semanal de trabalho dos professores. ....	32
<b>Gráfico 3</b> - Tempo de atuação como professor (a) no COMAGS. ....	34
<b>Gráfico 4</b> - Tempo que leciona a disciplina Geografia.....	35
<b>Gráfico 5</b> - Turmas que atua como professor de Geografia. ....	36
<b>Gráfico 6</b> - Materiais didáticos/produtos cartográficos utilizados ao trabalhar a linguagem cartográfica.....	37
<b>Gráfico 7</b> - Dificuldades encontradas para utilizar materiais didáticos e produtos cartográficos ao trabalhar com a linguagem cartográfica. ....	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACI – Associação Cartográfica Internacional

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNE – Conselho Nacional de Educação

COMAGS – Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

GPS – Global Positioning System

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

RSU – Resíduos Sólidos Urbanos.

SIG – Sistema de Informação Geográfica

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNIVESP - Universidade Virtual do Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>13</b>
<b>2. O PAPEL DA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DA CARTOGRAFIA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO INDIVÍDUO</b> .....	<b>17</b>
2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	18
2.2 CARTOGRAFIA: DA CIÊNCIA AO CONHECIMENTO ESCOLAR .....	20
2.3 A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO .....	24
2.3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN .....	25
2.3.2 Base Nacional Comum Curricular – BNCC para o Ensino Fundamental II	27
<b>3. ANÁLISE DOS DADOS: DISCUSSÕES E DESAFIOS</b> .....	<b>29</b>
<b>4. PROPOSTAS DIDÁTICAS: A PARCERIA ENTRE A GEOGRAFIA ESCOLAR E A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA</b> .....	<b>40</b>
4.1 PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O TERCEIRO CICLO (6º E 7º ANOS) .....	41
4.2 PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O QUARTO CICLO (8º E 9º ANOS) .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>62</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

A linguagem cartográfica no âmbito da Geografia Escolar se configura como um instrumento relevante, visto que possibilita a representação dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico, tendo em vista que a organização espacial e suas constantes transformações são por excelência o objeto de estudo da Geografia (CASTROGIOVANNI, 2009). No entanto, para que a linguagem cartográfica seja de fato introduzida em sala de aula, auxiliando nas discussões geográficas, é necessária a utilização de uma metodologia que viabilize a compreensão dessa linguagem e seus elementos.

Para Passini (2012), essa metodologia mediadora consiste na alfabetização cartográfica, que por sua vez busca estudar os processos de construção dos conhecimentos conceituais e procedimentais, que propiciam o desenvolvimento de habilidades para que o sujeito/aluno tenha a possibilidade de realizar as leituras do mundo por meio das suas representações. Assim, a alfabetização cartográfica deve ser vista como uma importante etapa para a aprendizagem do aluno, e estudada com o mesmo cuidado metodológico e relevância que é direcionada à alfabetização da linguagem escrita.

A Geografia e a Cartografia têm o espaço como o objeto comum de investigação, nesse sentido uma aparece como conteúdo e a outra como linguagem respectivamente, sendo portanto indissociáveis, pois a linguagem cartográfica permite que o conhecimento sobre o espaço seja aprofundado. Tornando-se uma relação mútua na qual uma leva um melhoramento da outra, a leitura possibilita interpretar o objeto e o objeto que permite ser representado melhora habilidade de ler (PASSINI, 2012).

Nos últimos anos, vem ocorrendo uma ampla produção científica e troca de experiências acerca da Cartografia Escolar, a partir dos colóquios de Cartografia para crianças<sup>1</sup>. Entretanto, mesmo com esses avanços nas pesquisas e discussões, é perceptível que as práticas cartográficas desenvolvidas no contexto escolar não refletem esse cenário. Assim, a Cartografia, muitas vezes, não é trabalhada no espaço escolar (MELO; OLIVEIRA, 2009). Essa realidade vem contribuindo

---

<sup>1</sup> Segundo Almeida e Almeida (2014), os colóquios de cartografia para crianças tiveram início no ano de 1995, foi à primeira iniciativa de um grupo de brasileiros, os quais a partir da participação na CCC (Cartography and Children Commission) formaram um grupo nacional voltado para a cartografia escolar.

notoriamente para que o aluno não consiga desenvolver a habilidade da compreensão crítica do espaço geográfico, sobretudo do seu espaço de vivência.

Para Melo e Oliveira (2009), diversos fatores podem contribuir para essa realidade, mas todos dizem respeito às políticas públicas que corroboram para a construção de um cenário com consequências que acabam comprometendo a qualidade do ensino. As condições de trabalho do professor, estrutura das escolas, entre outros fatores, são exemplos desse desmazelo em que a educação pública no Brasil é submetida. Nesse contexto, o conhecimento cartográfico socialmente produzido, sobretudo, o que utiliza a Cartografia como linguagem no ensino da Geografia, acaba sendo negligenciado no ambiente escolar.

A Cartografia no Ensino Fundamental é vista desde muito tempo como um conhecimento complexo para alguns alunos e até mesmo professores, essa visão tem colaborado para que o ensino desse conteúdo na educação básica, na maioria das vezes, ocorra de maneira simplificada, com poucos aprofundamentos, interferindo na construção dos saberes cartográficos (MACHADO; DIAS, 2013). Nesse sentido, vários fatores como as práticas de ensino e os materiais didáticos utilizados, podem interferir significativamente não só no processo de ensino, mas também na aprendizagem da Cartografia Escolar.

O interesse em pesquisar a temática desse trabalho surgiu durante a nossa experiência no componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II, quando da aplicação de oficinas pedagógicas sobre Cartografia Escolar em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I, percebemos que os alunos ainda não tinham desenvolvido habilidades essenciais para a leitura e representação do espaço geográfico, as quais devem ser construídas por meio da alfabetização cartográfica ainda no Ensino Fundamental I. A partir dessa constatação, percebemos que a maioria dos alunos chega ao Ensino Fundamental II sem essas habilidades, o que prejudica a aprendizagem dos conceitos cartográficos.

Nossa inquietação, enquanto discentes do curso de licenciatura em Geografia, partiu do interesse em saber quais os principais problemas que os professores de Geografia do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Souza encontram para trabalhar a linguagem cartográfica? Sendo essa, portanto, a questão norteadora da nossa pesquisa. O recorte espacial escolhido foi a cidade de Serrolândia-BA, pois, por pertencermos a esta localidade e entendermos a nossa

responsabilidade de agentes sociais, buscamos por meio desse trabalho contribuir positivamente com a realidade em que vivemos.

O *lócus* de investigação da pesquisa, por sua vez, foi o Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa- COMAGS, que fica situado na sede do município de Serrolândia-BA, e comporta uma quantidade maior de estudantes que os demais colégios que atendem ao público de Ensino Fundamental II no município e conseqüentemente, tem em seu corpo docente um maior número de professores que lecionam Geografia, sujeitos da pesquisa.

Para solucionar os problemas relacionados à aprendizagem das noções cartográficas pelos alunos, faz-se necessário, sobretudo, identificar os problemas que os professores que ensinam Geografia encontram ao trabalharem com a linguagem cartográfica. Nessa perspectiva, Oliveira (2010) pontua que é difícil separar o ensino da aprendizagem tendo em vista que ambos são fases de um mesmo processo, isso significa dizer que não haverá aprendizagem sem ensino, ao mesmo tempo que não haverá ensino sem aprendizagem. Dessa maneira, o objetivo do trabalho foi analisar os principais problemas que esses professores se deparam ao trabalharem a linguagem cartográfica, bem como contribuir, por meio de propostas didáticas, com a prática docente dos sujeitos da pesquisa.

Buscando alcançar o objetivo do trabalho, foram traçados alguns procedimentos específicos, afim de auxiliar na realização da pesquisa, sendo eles: Discutir sobre a importância da linguagem cartográfica a partir de teóricos e documentos legais direcionados a educação; Identificar as dificuldades que os professores de Geografia encontram ao utilizarem a linguagem cartográfica; Elaborar propostas que possam auxiliar os docentes na utilização da linguagem cartográfica.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente é traçado o percurso metodológico da pesquisa, no qual são apresentados a abordagem adotada no estudo, além dos procedimentos técnicos que foram realizados para o desenvolvimento do trabalho. Em seguida, no segundo capítulo é feita uma discussão sobre o papel da Geografia Escolar e as contribuições da Cartografia na formação crítica do indivíduo. Para fundamentar essa reflexão recorreremos a alguns autores como Castelar (2005), Castrogiovanni (2009), Francishet (1997), Lacoste (1988), Martineli (1998), Menezes (2015), Melo; Oliveira (2009), Moreira (2009), Passini (2012), Simielli (2010), Souza e Katuta (2001), Almeida (2010) entre outros

teóricos. Além disso, nos referenciamos também nos seguintes documentos oficiais da Educação Básica do Brasil: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No terceiro capítulo é evidenciado os resultados e discussões da pesquisa, etapa em que são apresentados os dados obtidos com a investigação, bem como a interpretação e análise dessas informações. No quarto e último capítulo foram apresentadas algumas propostas didáticas, a partir dos resultados do trabalho, com a intenção de contribuir com a prática dos professores participantes da pesquisa. Posteriormente, nas considerações finais do estudo, foram feitas algumas reflexões e comentários sobre os resultados e importância da pesquisa realizada.

## **1. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A pesquisa científica é importante não só para a comunidade acadêmica, mas também para toda a sociedade, pois é por meio dela que se pode produzir novos conhecimentos, uma vez que sua finalidade consiste em explicar e analisar os fenômenos e acontecimentos existentes no mundo. A pesquisa científica é caracterizada como um segmento metódico de investigação, por meio do qual os procedimentos científicos são utilizados para encontrar soluções para os problemas propostos (RUIZ, 1996).

A problemática dessa pesquisa aponta para o estudo de caso, partindo do pressuposto que “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 2005. p. 32), tornando-se apropriado quando “as circunstâncias são complexas e podem mudar, quando as condições que dizem respeito não foram encontradas antes, quando as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados” (YIN, 2005. p. 32) A partir do estudo de caso, o pesquisador tem a possibilidade de investigar o fenômeno de maneira mais aprofundada em seu contexto real, propiciando a análise de elementos que contribuem para a ocorrência do fenômeno pesquisado.

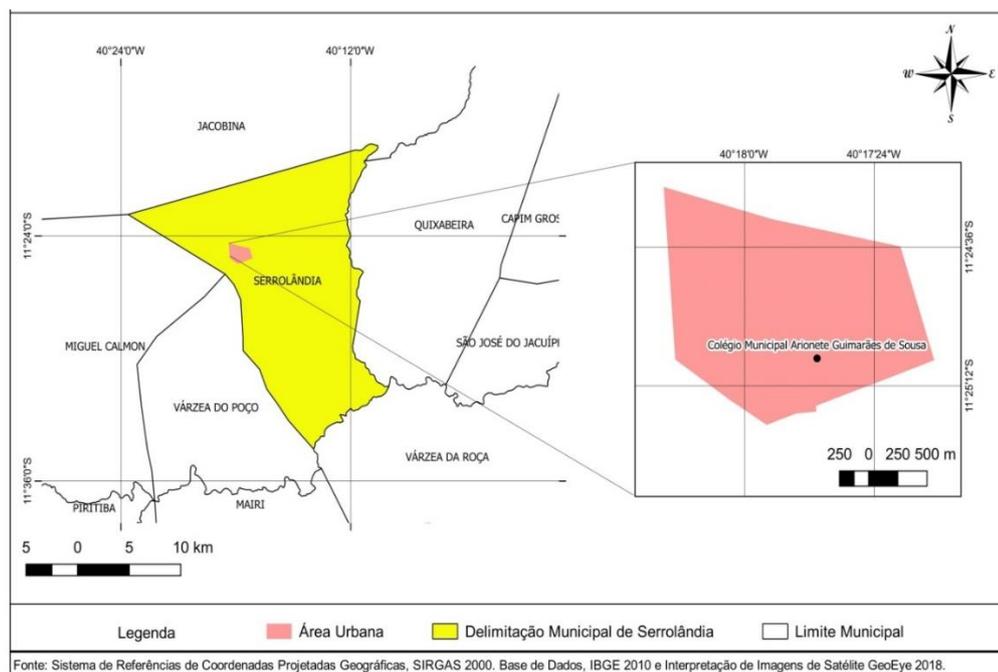
A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, uma vez que as pesquisadoras se envolveram com o objeto de estudo e a realidade investigada, além disso, a pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o mundo e o sujeito. Como afirma Lima e Moreira (2015, p.28):

A pesquisa qualitativa parte do pressuposto que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto é sob essa perspectiva, essencialmente, qualitativo.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa permitiu uma relação mais próxima entre as pesquisadoras e os sujeitos da pesquisa, o que contribuiu para uma análise que vai além da quantificação do fenômeno estudado.

O *lôcus* de investigação da pesquisa, como já citado, foi o Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa- COMAGS, que está localizado na Avenida Manuel Roque Rodrigues, Centro, no município de Serrolândia, Bahia (Mapa 01). O município conta com aproximadamente 12.344 habitantes, sendo 7.279 de população urbana e 5.065 de população rural do município. (IBGE, 2010). O colégio atende ao público do Ensino Fundamental II na modalidade regular (6º ao 9º ano) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo a aproximadamente 895 alunos, sendo estes das áreas urbanas e rurais do município, apesar de Serrolândia contar com mais dois colégios que atendem ao público do Ensino Fundamental II nos povoados de Maracujá e Salamim, o COMAGS é o único colégio do município que atende um número maior de estudantes devido a sua estrutura física e administrativa.

**Mapa 1** - Mapa de localização do município de Serrolândia – BA com destaque para o Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa.



**Fonte:** Elaborado a partir de base de dados do IBGE (2010) e GeoEye (2018), por Danielle Rocha Angelim da Silva e Josiane Jordão Silva (2018).

Na busca por suporte teórico para fundamentar as discussões feitas na pesquisa, foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, tendo em vista que o estudo também foi produzido a partir de materiais já publicados, como livros e artigos de periódicos, assim como nos afirma Severino (2007, p.122):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos.

Para que o pesquisador possua uma maior proximidade com o fenômeno investigado e os sujeitos da pesquisa, é necessário que ele conheça e interaja com a realidade pesquisada. Nesse sentido, foram utilizados alguns procedimentos da pesquisa de campo, uma vez que, através das visitas a campo, foi possível uma aproximação com os sujeitos, observação da realidade estudada e também a coleta de dados, para a pesquisa. Severino (2007, p.123) pontua que “Na pesquisa de campo, o objeto\fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados[...]”.

Com o intuito de identificar as habilidades cartográficas que devem ser desenvolvidas pelos alunos do Ensino Fundamental II, foi feita uma análise dos documentos legais que regem o ensino no país: os PCN e a BNCC; para isso, foi utilizada a pesquisa documental, tendo em vista que esta utiliza como fonte documentos legais que ainda não passaram por nenhum tratamento analítico, e a partir deles o pesquisador desenvolve sua investigação e análise (SEVERINO, 2007).

Embora a pesquisa tenha um enfoque qualitativo, utilizamos o questionário como dispositivo de obtenção de dados, o que possibilitou algumas vantagens, como, por exemplo a aplicação em um tempo consideravelmente curto, respeitando a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa que são professores do Ensino Fundamental e possuem longas jornadas de trabalho. A privacidade e a garantia do anonimato propiciaram um conforto aos sujeitos ao responderem às perguntas; a

clareza das respostas também foi uma vantagem importante, pois permitiu a realização de um diagnóstico mais preciso acerca da problemática estudada (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Nas primeiras visitas a campo, foi realizado um diagnóstico geral do colégio e, a partir dele, foi possível coletar informações importantes para a pesquisa, como a quantidade de professores que lecionam Geografia na unidade escolar, que atualmente são cinco, sendo que quatro desses professores trabalham com “Ensino Regular” e apenas um com o EJA; bem como os materiais/produtos cartográficos presentes no colégio.

Após esse diagnóstico, foi aplicado um questionário aos professores, com o intuito de identificar quais as dificuldades encontradas por eles ao utilizarem a linguagem cartográfica nas aulas de Geografia, no questionário continha questões relacionadas às práticas dos professores, formação acadêmica, jornada de trabalho, entre outras.

Os questionários utilizados nessa pesquisa são compostos por perguntas fechadas, que facilitaram a tabulação de dados específicos (materiais didáticos, formação acadêmica, entre outros), e abertas que possibilitaram um espaço para subjetividade dos sujeitos pesquisados (práticas pedagógicas, dificuldades, etc). A interpretação dos dados coletados por meio dos questionários foi realizada através de gráficos que permitiram uma análise clara das informações.

As dificuldades que permeiam a educação na contemporaneidade são diversas e isso influencia tanto na qualidade do ensino como no processo de aprendizagem, fazendo-se necessário que, para além da investigação desses fenômenos sejam traçados objetivos e procedimentos que possibilitem a solução do problema investigado. A partir dessa perspectiva, foram desenvolvidas algumas propostas didáticas com a finalidade de auxiliar os docentes na utilização da linguagem cartográfica.

Essas propostas foram elaboradas a partir do documento legal PCN que estabelece as competências e habilidades cartográficas a serem construídas no Ensino Fundamental II, optamos por apenas relacionar essas práticas aos eixos temáticos estabelecidos pela BNCC, pois é recente e vem sendo alvo de várias críticas em relação ao ensino da Cartografia por tratá-la superficialmente, no entanto é o documento que está em vigor e por isso a necessidade de fazer essa interligação.

A partir da BNCC, foi aprovado recentemente o currículo Bahia<sup>2</sup>, entretanto não utilizamos esse documento para embasar as propostas aqui apresentadas justamente por se tratar de uma modificação recente que demandaria tempo para ser analisado, sendo inviável pelo fato da pesquisa já está em fase de finalização, deixando em aberto a possibilidade de pesquisas futuras. Utilizamos como critério a elaboração de no mínimo duas propostas didáticas para cada ciclo, selecionando não apenas os assuntos específicos da Cartografia, mas também conteúdos da Geografia que a linguagem cartográfica pode auxiliar na compreensão.

## **2. O PAPEL DA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DA CARTOGRAFIA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO INDIVÍDUO**

Ao longo da história a Geografia Escolar foi interpretada por muitos como a disciplina da memorização dos conteúdos e descrição dos fenômenos, e na atualidade essa interpretação superficial da Geografia ainda perdura, o que implica na banalização da disciplina geográfica e do seu conhecimento. A Geografia, como componente curricular, exerce um papel relevante na formação crítica do sujeito, pois propicia a problematização de contradições existentes no espaço geográfico e na sociedade.

Para compreender como a Geografia Escolar adquiriu essa percepção no decorrer do tempo, é necessário entender como se deu a sistematização desse conhecimento como ciência e sua trajetória até o âmbito escolar. É importante estudar também o percurso da Cartografia, uma vez que o conhecimento cartográfico está inserido na Geografia Escolar.

Nessa perspectiva, a Cartografia Escolar constitui-se como um elemento importante na educação geográfica e no processo de formação crítica do sujeito, porquanto caracteriza-se como uma linguagem que possibilita a representação e leitura dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico, que é, por excelência, o objeto de estudo da Geografia. Posto isso, é necessário analisar também como a Cartografia está inserida nos documentos legais que fundamentam a Educação

---

<sup>2</sup> Documento Curricular Referencial da Bahia para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, conforme parecer 196/2019, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia em 14 de agosto de 2019.

Básica brasileira, entre eles: os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017).

## 2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A produção do conhecimento geográfico está presente na sociedade desde a antiguidade, pois o homem sempre teve a necessidade de localizar-se no espaço, bem como de descrever e representar por meio de pinturas rupestres o que estava a sua volta. Para Moreira (2009, p.4), Estrabão foi o criador da Geografia, e assim a conceituava:

[...] a geografia familiariza-nos com os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da Terra; e o homem que a cultiva é um homem profundamente interessado no grande problema da vida e da felicidade.

Estrabão analisava a superfície da terra de modo que a diversidade das paisagens era compreendida através dos diferentes modos de vida do homem. A Geografia se constituiu como ciência na Alemanha no século XIX, devido ao contexto histórico-social do país. Nesse período, o capitalismo estava presente na maior parte dos Estados da Europa, no entanto a Alemanha não se constituía ainda como um Estado nacional. A elite germânica não conseguia implantar o capitalismo devido ao sistema feudal ainda exercer influência muito forte no território e na sociedade alemã. Além disso, devido ao expansionismo da França e da Inglaterra, o território germânico fragmentado estava cada vez mais vulnerável (MENEZES, 2015).

A Geografia sistematizada como ciência, serviu naquele período para fundamentar os interesses de uma determinada classe que tinha o intuito de estabelecer a Alemanha como Estado Nacional. Nesse sentido, a Geografia exerceu um importante papel, pois justificava e fornecia as explicações necessárias para a unificação alemã. Com a Geografia Escolar não foi diferente, pois desde a sua origem, reforçava a construção de uma identidade nacional, fortalecendo, desse modo, o nacionalismo necessário para a unificação da Alemanha na época (MENEZES, 2015).

Lacoste (1988) cita a existência de duas geografias, a Geografia dos Estados maiores e a Geografia dos professores, ambas levam um sentido político e

interligam-se a fim de atingir os mesmos objetivos. A Geografia dos Estados maiores utiliza os conhecimentos geográficos referentes ao espaço como instrumento de exercício de poder pelos governantes. Por sua vez, a Geografia dos professores pertence ao espaço escolar e tem a finalidade de exaltar a pátria e esconder a real utilidade do conhecimento geográfico no domínio territorial.

A Geografia ensinada nas escolas, a partir da sistematização da ciência geográfica passa a priorizar a descrição dos fenômenos e a memorização dos conteúdos, herdando essas características das correntes do pensamento geográfico, que, até então, não priorizava a análise das contradições sociais (MENEZES, 2015). A partir da década de 1970, começou a se fortalecer uma corrente crítica da Geografia, essa linha de pensamento assumiu um caráter político e social e buscou uma ruptura com as anteriores, principalmente com o pensamento geográfico tradicional, pois defendia que a Geografia deveria colaborar com o processo de transformação social.

A corrente crítica buscou questionar os métodos positivista, neopositivista, tradicional e pragmática, e passou a adotar o materialismo histórico e dialético como método de interpretação dos fenômenos. No âmbito do ensino, a corrente crítica se fez presente por meio das discussões acerca dos conflitos e contradições sociais que permeiam o espaço (MENEZES, 2015). Mesmo assim, a Geografia crítica ainda hoje, enfrenta entraves para se consolidar no âmbito escolar, pois apesar de romper com as linhas de pensamentos mais tradicionais e incorporar à ciência geográfica um olhar mais crítico no estudo do espaço, as pessoas ainda tendem a enxergar a Geografia como uma disciplina superficial e pouco importante na formação do indivíduo.

A Geografia é a ciência que analisa o espaço produzido pelo homem, tornando-se fundamental na formação da cidadania do indivíduo. Por ser uma ciência social, logo não pode ser compreendida pelos alunos como uma disciplina apenas descritiva, na qual os conteúdos parecem distantes da realidade, pelo contrário, ela deve correlacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade dos alunos, fazendo com que estes sejam participantes do espaço em que vivem (CALLAI, 2003).

A Geografia como disciplina escolar exerce um papel importante na formação crítica e cidadã dos indivíduos, pois possibilita a compreensão do mundo e suas

dinâmicas. Desta forma, essa ciência, no contexto escolar, consiste em uma ferramenta de sensibilização crítica da realidade (OLIVA, 1999).

O ensino da Geografia na atualidade deve considerar as constantes modificações pelas quais o mundo contemporâneo vem passando. As novas tecnologias e as informações se tornaram muito mais fluidas, e o papel da Geografia Escolar frente a esse modelo de sociedade consiste em proporcionar aos alunos a compreensão da dinamicidade do espaço geográfico, bem como as desigualdades e contradições que o envolve.

No entanto, quando o sujeito-aluno não consegue compreender o espaço em que está inserido, bem como a sua organização, torna-se um excluído dos espaços sociais, daí a importância de se formar cidadãos críticos, capazes de perceber as contradições da realidade em que vivem. Para Nogueira e Carneiro (2008; 2009), a educação geográfica deve trabalhar com a análise a partir de uma visão complexa e dialética de mundo, para que os sujeitos-alunos possam compreender o espaço de forma crítica, como também a ler e a pensar sobre a realidade que os cercam.

A função da Geografia Escolar é portanto proporcionar ao aluno o entendimento da lógica que comanda a territorialização da sociedade, para isso é necessária a utilização do mapa, uma vez que esta ferramenta é muito significativa e contributiva para uma análise mais aprofundada das dinâmicas espaciais e territoriais. Isto posto, faz-se necessário que o aluno seja um leitor de mapas, já que as habilidades cartográficas são conhecimentos necessários para a construção de um entendimento geográfico da realidade. Dessa maneira, a Cartografia e os conhecimentos cartográficos se constituem como saberes relevantes no ensino da Geografia (SOUZA; KATUTA, 2001).

## 2.2 CARTOGRAFIA: DA CIÊNCIA AO CONHECIMENTO ESCOLAR

Desde os primórdios, o homem já utilizava representações gráficas, com o objetivo de se expressar e registrar todas as informações necessárias para sua sobrevivência, porém, com a evolução do conhecimento e das técnicas, essas representações foram aperfeiçoadas, e, assim, “surgiram” diversos artefatos voltado para esse propósito, sendo o mapa o mais utilizado, o qual, durante um longo período, não esteve a serviço de todos, e sim de uma minoria que se beneficiava com os registros obtidos com o auxílio desse instrumento científico. Destarte, essas

representações tinham uma finalidade de dominação por estarem voltadas à prática e ao serviço dessa minoria, fato esse que se tornou marcante na história da Cartografia (MARTINELLI, 1998).

O mapa é uma das mais antigas formas de linguagem, pois surgiu antes mesmo da escrita. Os povos pré-históricos, para registrarem os acontecimentos, utilizaram as expressões gráficas, recorrendo ao mapa como um meio de comunicação. O ser humano, ao longo da história, sempre desenvolveu atividades exploratórias no espaço a que pertencia, procurando sempre representá-lo para as mais diversas finalidades. O mapa surge, dessa maneira, como um modo de expressão e comunicação entre os homens (OLIVEIRA, 2010).

Embora, nos primórdios, a Cartografia não fosse instituída como ciência, percebe-se que o homem já tinha certa noção que o possibilitava representar o seu território/espaço geográfico, e esses princípios foram sendo desenvolvidos de modo que com o decorrer do tempo, passaram a obter outros meios de representações, além de aperfeiçoar aquilo que já tinham em mãos. Contudo, foi na segunda metade do século XIX que a Cartografia se tornou efetivamente uma ciência (SOUZA; KATUTA, 2001), e o homem passa a dispor de diversos equipamentos, tais como: *Global Positioning System (GPS)*, Satélites e Sistema de Informações Geográficas (SIG), os quais contribuem para a produção de mapas e outras representações gráficas com uma precisão bem maior em relação aos que eram produzidos antigamente, pois, com esses instrumentos, a sociedade passa a ter uma visão real do planeta, evitando, assim, fantasias e equívocos.

Ao longo de sua trajetória, a Cartografia passou por várias modificações referentes à sua concepção e área de abrangência. No que tange às definições, é possível perceber essas mudanças de maneira nítida. As primeiras conceituações apontam a Cartografia como uma ciência, cujo objeto de estudo é a representação da Terra; outras definições apontavam ainda a Cartografia como arte, cuja preocupação era com a estética do mapa (SIMIELLI, 2010). Todavia, no ano de 1966, a cartografia passou a ser conceituada pela Associação Cartográfica Internacional (ACI) como:

[...] conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização. (IBGE)

A partir das transformações do pensamento humano, a Cartografia se configura como uma ciência que passa a representar e estudar o espaço não mais de forma sistemática. Ela aparece, segundo Francischett (1997, p. 26), “como resultado da transformação do pensamento humano onde a simples técnica cede lugar à ciência constituída, para estudar e representar o espaço geográfico”. A ciência cartográfica está presente no cotidiano dos indivíduos, nas unidades escolares está inserida por meio da Cartografia Escolar, na disciplina Geografia.

A Cartografia Escolar está atualmente consolidada no Brasil como uma linha de pesquisa acerca do conhecimento cartográfico. Nesse âmbito, é considerado o contexto escolar e o desenvolvimento cognitivo do aluno (MELO; OLIVEIRA, 2009). Para Almeida (2010), a Cartografia Escolar, ao passo que se constitui em área de ensino, se estabelece também como área de pesquisa, caracterizando-se como um saber que está em constante processo de construção.

No ambiente educacional, a Cartografia Escolar está posta na interface entre educação, Cartografia e Geografia; na educação, a interligação está no currículo, na formação de professores, na aprendizagem e nos métodos de ensino; na Cartografia, essa articulação ocorre por meio dos conceitos cartográficos, da linguagem gráfica e dos suportes e materiais, já na Geografia, articula-se através de conceitos socioespaciais, das relações entre sociedade e espaço e das representações espaciais (ALMEIDA, 2010).

A Geografia e a Cartografia estão intimamente ligadas, isso porque ambas as ciências estudam o espaço geográfico. Enquanto a Geografia prioriza a organização e as transformações espaciais; a Cartografia, a representação gráfica do espaço, o que evidencia a ligação e complementação dessas ciências, pois não existem possibilidades de estudar o espaço sem representá-lo, ao passo que não se representa um espaço vazio de informações e elementos (PISSINATI; ARCHELA, 2007).

A Cartografia na Geografia Escolar se configura como um relevante instrumento didático/metodológico, tendo em vista que por meio da linguagem cartográfica é possível representar os fenômenos que ocorrem no espaço geográfico. Para Passini (2012, p.14), “A linguagem cartográfica é específica e utiliza-se de um sistema semiótico complexo, que precisa ser decodificado”. Nesse

sentido, a Cartografia é uma ferramenta que permite não apenas a representação espacial, mas também a leitura dos fenômenos representados.

A Cartografia Escolar tem um papel importante no desenvolvimento das crianças, isso porque dispõe de diversos materiais que possibilitam a representação da realidade através de símbolos, formas geométricas, entre outros. Assim, é evidente que esta é uma importante ferramenta na construção do saber geográfico (CASTELLAR, 2005).

Compreender as diferentes transformações naturais, socioculturais e econômicas do espaço geográfico é um dos grandes desafios postos ao ensino da Geografia na atualidade, já que essa ciência busca analisar a organização do espaço, assim como as relações entre sociedade e natureza. Dessa maneira, a linguagem cartográfica aparece como um instrumento mediador, pois possibilita uma análise mais aprofundada. (SANTOS; FECHINE, 2017)

Ao ensinar conteúdos de Geografia, é necessário o uso de várias linguagens que possibilitem uma aproximação dos sujeitos com as diversas realidades, no entanto, dentre as diferentes linguagens, a cartográfica é importante no ensino e na aprendizagem da Geografia. Conforme Souza e Katuta, (2001, p. 60) “A linguagem cartográfica é, a nosso ver, uma das que indubitavelmente devem ser utilizadas no ensino, pois representa a territorialidade dos diferentes fenômenos, razão de ser da própria ciência geográfica.”

Na visão de Castellar (2005. p.216), a Cartografia é considerada como uma “[...] linguagem, um sistema-código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em Geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território”. A Cartografia é uma opção metodológica que pode ser utilizada nos diferentes conteúdos geográficos, mas não apenas para identificar localizações em mapas (continentes, países, cidades), mas também para compreender diversos fenômenos, tais como conflitos e a ocupação espacial.

Francischett (1997, p.9) enfatiza que “[...] o maior problema dos profissionais da área geográfica é encontrar saída para um ensino de modo a formar cidadãos preparados para entender e planejar o espaço em que vivem”, e aponta a relevância da Cartografia Escolar, e do ensino da Geografia, para promover o entendimento dos conhecimentos geográficos, por intermédio das representações cartográficas.

Há muito tempo, a ideia de uma Cartografia Escolar voltada apenas para a localização dos fenômenos vem sendo reproduzida. O uso dos produtos cartográficos, sobretudo, os mapas, se restringiam apenas à função de localização. Na escola, muitas vezes, a utilização dos mapas tem como objetivo apenas a ilustração dos fenômenos ou localidades (ALMEIDA, 2004). Essa visão necessita ser superada, pois só através do ensino da Geografia por meio da linguagem cartográfica o aluno pode tornar-se um cidadão crítico, capaz de analisar as representações cartográficas de fenômenos presentes em seu espaço de vivência, podendo, assim, questionar e compreender as dinâmicas socioespaciais nas quais está incluído.

A reflexão sobre a Geografia Escolar e suas diferentes possibilidades de abordagens evidencia o papel e a importância da Cartografia na formação dos estudantes do Ensino Fundamental e a necessidade de maiores aprofundamentos, para a construção de saberes cartográficos e desenvolvimento de habilidades e para compreensão da realidade. As competências a serem construídas pelos alunos no âmbito da Geografia Escolar são estabelecidas por documentos que regem o ensino brasileiro, dessa maneira é importante analisá-los para compreender como a Cartografia Escolar está sendo posta na educação básica.

### 2.3 A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO

No ensino básico brasileiro existem alguns documentos que orientam as habilidades e competências a serem construídas a partir dos diversos componentes curriculares, esses documentos em tese devem contemplar as discussões que envolvem essas áreas do conhecimento. Dentre eles estão: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que foram aprovados no ano de 1998, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada em 2017 à que se refere a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, e em 2018 a do Ensino Médio.

Os PCN têm a finalidade de apresentar as discussões norteadoras para o ensino básico, que constituem uma proposta de reorientação curricular, destinada aos municípios brasileiros. De acordo com o próprio documento, é necessária uma análise da conjuntura mundial e brasileira para a construção de uma Educação Básica voltada para a cidadania. Esses parâmetros surgem da necessidade de construção de uma referência curricular nacional para o ensino básico, que possa

ser transformada em reflexões e propostas educacionais que utilizem as características regionais e locais, garantindo a todos os alunos o acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção de sua cidadania (BRASIL, 1998).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento destinado a educação básica brasileira, nele são estabelecidas as aprendizagens essenciais a todos os estudantes do território nacional. A BNCC aparece, como uma referência nacional para a reelaboração dos currículos estaduais e municipais, estabelecendo o que deve ser trabalhado em cada etapa da educação básica, visando diminuir as desigualdades educacionais do país (BRASIL, 2017).

### 2.3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN

Os PCN de Geografia do Ensino Fundamental II apresentam um eixo temático específico sobre a Cartografia, nele é ressaltado a sua importância como um instrumento de estudo dos lugares e do mundo. Segundo esse documento, a Cartografia na perspectiva da Geografia tradicional e positivista, era considerada como mais uma técnica de representação, voltada para a leitura e explicação do espaço, no entanto, com os avanços teóricos e metodológicos, a Geografia da percepção e fenomenologia, acreditam que os alunos devem ser orientados a desenvolverem uma consciência crítica em relação as representações cartográficas, e conseqüentemente, deixarão de ser mapeadores mecânicos e leitores de mapas passivos para se tornarem mapeadores conscientes com uma leitura mais crítica (BRASIL, 1998).

A cartografia torna-se recurso fundamental para o ensino e a pesquisa. Ela possibilita ter em mãos representações dos diferentes recortes desse espaço e na escala que interessa para o ensino e pesquisa. Para a Geografia, além das informações e análises que se podem obter por meio dos textos em que se usa a linguagem verbal, escrita ou oral, torna-se necessário, também, que essas informações se apresentem especializadas, com localizações e extensões precisas, e que possam ser feitas por meio da linguagem gráfica/cartográfica. É fundamental, sob o prisma metodológico, que se estabeleçam as relações entre os fenômenos, sejam eles naturais ou sociais, com suas espacialidades definidas (BRASIL, 1998, p. 76).

A cartografia vai além de um mecanismo de representação dos espaços, ela constitui-se em um recurso importante para o ensino da Geografia, uma vez que, é a partir das representações que os alunos poderão analisar e compreender com

criticidade os fenômenos presentes no mundo. Nos parâmetros é possível identificar objetivos claros, quanto à relevância e à necessidade da aprendizagem dos conceitos cartográficos no Ensino Fundamental. Nele são estabelecidos, alguns objetivos a serem alcançados pelos alunos a partir do ensino da Geografia. Trazemos como exemplo as competências recomendadas para o terceiro ciclo que compreende, atualmente, o 6º e o 7º ano, no que se refere à aprendizagem da Cartografia Escolar:

reconhecer a importância da cartografia como uma forma de linguagem para trabalhar em diferentes escalas espaciais as representações locais e globais do espaço geográfico;  
 criar uma linguagem comunicativa, apropriando-se de elementos da linguagem gráfica utilizada nas representações cartográficas;  
 reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância, de modo que se desloque com autonomia e represente os lugares onde vivem e se relacionam; (BRASIL, 1998, p. 53-54)

A partir dessas competências, os alunos passarão a compreender a cartografia como uma linguagem necessária para o seu desenvolvimento como cidadão crítico, além de perceber a importância da mesma no seu cotidiano, ao orientar-se e localizar-se no espaço em que vive. No quarto ciclo, que compreende o 8º e o 9º ano atualmente, é estabelecida no documento a seguinte competência, quanto a Cartografia no ensino da Geografia:

fortalecer o significado da cartografia como uma forma de linguagem que dá identidade à Geografia, mostrando que ela se apresenta como uma forma de leitura e de registro da espacialidade dos fatos, do seu cotidiano e do mundo; (BRASIL, 1998,p.100)

Essa competência direcionada pelos PCN para os anos finais do Ensino Fundamental II, reforça ainda mais a importância do aluno entender o significado da Cartografia como uma forma de linguagem que contribui para o ensino da Geografia, pois auxilia no seu desenvolvimento em relação a compreensão do espaço geográfico. Portanto, os PCN apontam de maneira clara a importância da Cartografia Escolar e da utilização da linguagem cartográfica nas aulas de Geografia, sendo que essa linguagem não está restrita apenas a uma temática, o documento a relaciona com diversos conceitos e temas, evidenciando assim, suas contribuições para a construção do saber geográfico.

### 2.3.2 Base Nacional Comum Curricular – BNCC para o Ensino Fundamental II

A elaboração da BNCC foi prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada desde o ano de 1996, para além da LDB a Base Nacional Comum Curricular foi estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE), que foi sancionado pela então presidente Dilma Rousseff em 2014. A entrega deste documento (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE) deveria ter ocorrido em 2016 para sua aprovação final. Portanto, a BNCC é uma política pública assegurada por determinação legal e legítima, que tem por objetivo determinar um conjunto de conhecimentos essenciais a todos os estudantes brasileiros ao longo da Educação Básica, sendo assim, um documento base para a reformulação dos currículos estaduais e municipais (GUIMARÃES, 2018).

É importante lembrar que o processo de construção da BNCC foi marcado por uma série de conflitos políticos, como a constante troca de ministros da educação, além do processo de impeachment de presidente (GUIMARÃES, 2018). Foi nesse contexto turbulento que a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular foi aprovada em dezembro de 2017. A BNCC foi então dividida em dois documentos, o primeiro destinado a Educação Infantil e ao ensino Fundamental e o segundo referente ao Ensino Médio que só foi de fato aprovado em 2018.

A BNCC foi produzida em um contexto político nacional conturbado, marcado por instabilidade e conflitos, ocasionando uma série de questionamentos. Uma dessas críticas refere-se ao seu processo de elaboração que foi marcado pelos eventos políticos, pelo acirramento das divergências e pela imposição de determinados grupos, resultando em uma pequena participação dos professores, dos profissionais da educação e da sociedade brasileira em geral. A proposta foi considerada centralizadora, configurando-se como um currículo prescrito que será implementado na ação docente e escolar (GUIMARÃES, 2018).

Além desse fator, há uma forte indicação de que o processo de construção da BNCC foi marcado por um caráter conservador e que reflete em seus objetivos os interesses do mercado e de grupos privados da educação, refletindo os interesses comerciais que envolvem as escolas, os programas de formação docente, os materiais didáticos, as tecnologias educativas, enfim a educação e suas dimensões de maneira geral (GUIMARÃES, 2018). Apesar de a BNCC divulgar que seu intuito maior é a melhoria da aprendizagem dos alunos, transparece em todo o seu

processo de formulação e aprovação o papel do Estado a serviço dos interesses privados.

Ao discutir sobre as contribuições da Geografia Escolar no Ensino Fundamental II, a BNCC destaca a importância desse componente curricular no desenvolvimento do pensamento espacial e o estímulo do raciocínio geográfico permitindo que o aluno represente e interprete o mundo e suas transformações, além de relacionar sociedade e natureza. Nessa perspectiva, o documento destaca o estudo dos conceitos geográficos. No que se refere a linguagem cartográfica, a BNCC não frisa a necessidade da sua utilização e estudo, apenas cita que “espera-se” que durante o estudo dos conteúdos geográficos seja utilizada representações cartográficas.

Espera-se, também, que, nesses estudos, sejam utilizadas diferentes representações cartográficas e linguagens para que os estudantes possam, por meio delas, entender o território, as territorialidades e o ordenamento territorial em diferentes escalas de análise. (BRASIL, 2017, p.381)

Partindo da realidade, que muitas vezes o ensino da linguagem cartográfica ocorre de modo superficial devido as inúmeras problemáticas que cercam o processo de ensino e aprendizagem e considerando as contribuições da Cartografia no ensino da Geografia, é necessário que a BNCC, por se tratar de um documento que irá nortear os currículos estaduais e municipais, ressalte a necessidade do uso para que não haja dúvida da obrigatoriedade do ensino da linguagem cartográfica na Geografia Escolar.

A Cartografia, na Educação Básica, é uma linguagem que possibilita a leitura de mundo. Entretanto, Castellar (UNIVESP, 2015), avalia que a Cartografia na abordagem da BNCC aparece de maneira diluída, ela é estabelecida por meio de procedimentos, não traz competências claras no que se refere ao ensino e aprendizagem da linguagem cartográfica, deixando passível de interpretações a necessidade de se trabalhar as noções cartográficas em sala de aula.

No 6ª ano, por ser a primeira série do Ensino Fundamental II, geralmente é trabalhado de maneira mais aprofundada os conceitos e noções da Cartografia, para que o aluno possa aprimorar e desenvolver habilidades necessárias para a utilização da linguagem cartográfica nos anos seguintes, dessa maneira a aprendizagem de conteúdos como escala, orientação, coordenadas geográficas, fuso horário,

elementos do mapa, entre outros, são necessários para que o aluno posteriormente seja capaz, por exemplo, de interpretar mapas e gráficos, produzir maquetes e croquis, entre as mais diversas representações.

Na Base Nacional Comum Curricular nas chamadas unidades temáticas destinadas ao 6<sup>a</sup> ano não são apresentadas de maneira clara a inserção desses conteúdos, apenas em uma dessas unidades “Formas de representações e pensamento espacial” pode ser inserida a linguagem cartográfica, no entanto essa inserção esbarra novamente na interpretação, já que existem diversas formas de representações. Nas demais séries ocorrem a mesma situação, as unidades temáticas não deixam clara a inserção da linguagem cartográfica, apenas nas habilidades a serem desenvolvidas em cada série aparecem algumas poucas destinadas a Cartografia Escolar, entretanto de maneira vaga, já que nos conteúdos a serem trabalhados nessas séries os específicos da Cartografia não aparecem.

A Base Nacional Comum Curricular mesmo que recomende a utilização das representações cartográficas para a aprendizagem dos conteúdos geográficos, não específica claramente por meio de competências e procedimentos, a obrigatoriedade de se trabalhar os conceitos cartográficos em sala de aula, dessa maneira a linguagem cartográfica no ensino da Geografia é apresentada no documento de maneira sugestiva quando deve ser necessária.

## **1. ANÁLISE DOS DADOS: DISCUSSÕES E DESAFIOS**

É sabido que muitos são os fatores que podem contribuir para o ensino superficial da Cartografia. Esses fatores dizem respeito principalmente à formação acadêmica dos professores que lecionam Geografia, que muitas vezes não possuem formação na ciência geográfica, o que gera a falta de domínio dos conceitos e noções da Cartografia por parte dos docentes; a carga horária excessiva de trabalho, o que acaba sobrecarregando o professor, e a falta de produtos cartográficos adequados na unidade escolar, são algumas das situações mais comuns no que se refere aos problemas que envolvem o ensino da Geografia por meio da Cartografia.

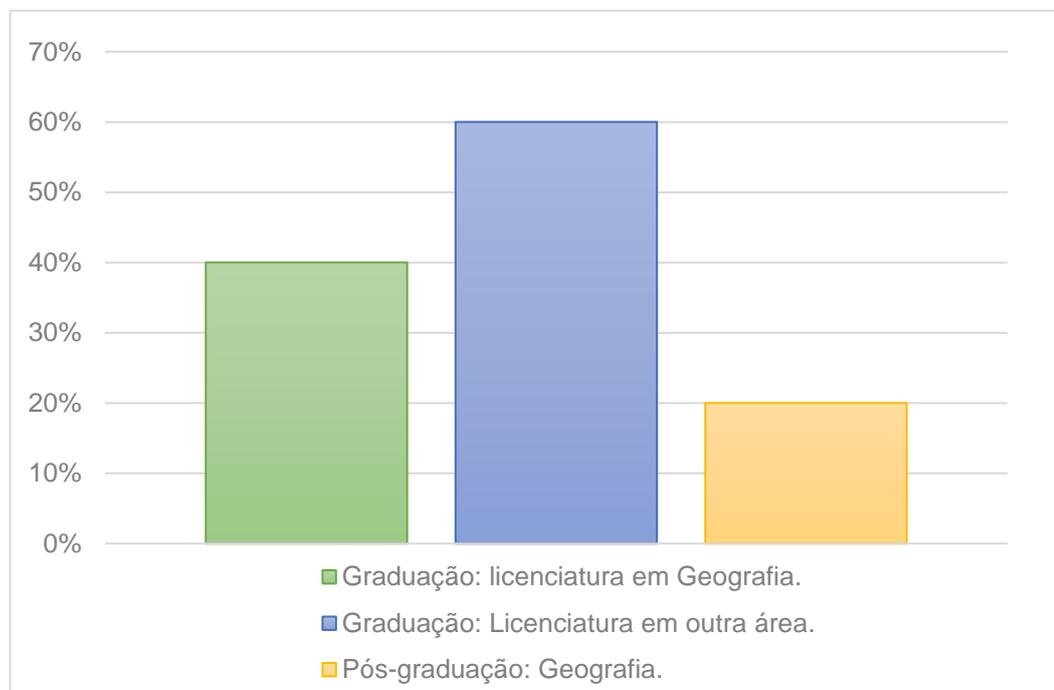
Com o objetivo de conhecer o perfil dos docentes, assim como diagnosticar os principais desafios enfrentados pelos professores com relação a utilização da linguagem cartográfica, foi elaborado um questionário com perguntas subjetivas e

objetivas, com uma abordagem que passa desde a formação acadêmica, o tempo de experiência docente, a jornada de trabalho, até as dificuldades encontradas ao ensinar e trabalhar com as noções cartográficas, uma vez que todos esses fatores influenciam direta ou indiretamente no uso dessa linguagem.

A partir das respostas obtidas com os questionários aplicados aos professores participantes da pesquisa, foram elaborados alguns gráficos que nos permitiu uma análise mais clara e aprofundada acerca das questões que envolvem o trabalho do professor, aspectos esses que influenciam direta ou indiretamente na utilização da linguagem cartográfica. Os questionários foram aplicados aos cinco professores que lecionam Geografia na unidade escolar, desses professores quatro trabalham com turmas da modalidade de Ensino Regular e apenas um trabalha com turmas de EJA.

No gráfico 01, é apresentado, a partir das informações obtidas com os questionários, a formação acadêmica dos professores que lecionam Geografia no COMAGS, o que possibilita uma análise acerca da abordagem dada a linguagem cartográfica pelos professores.

**Gráfico 1 - Formação acadêmica dos docentes.**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Ser professor requer motivação para enfrentar desafios diariamente, uma vez que se deparam constantemente com espaços e sujeitos diferentes e busca contribuir para uma transformação qualitativa da sociedade ao participar do processo de formação do indivíduo. Para mediar o processo de ensino e aprendizagem da Geografia, não basta para o docente ter um conhecimento específico, é importante que ele possua um olhar crítico em relação aos fatos que estão a sua volta, pois desse modo contribuirá para a formação dos sujeitos.

A formação inicial (acadêmica) do professor deve ser entendida como um fator determinante no processo de ensino e aprendizagem da Geografia pela linguagem cartográfica, nesse sentido é necessário analisar esse fator segundo duas realidades, a primeira diz respeito a uma prática bastante comum no ensino básico, que é o ensino de Geografia ministrado por profissionais da educação de outras áreas do conhecimento, o que acaba interferindo na construção do saber cartográfico, uma vez que, como a maioria desses profissionais não tem contato com os conceitos cartográficos durante a sua formação, podem comprometer o processo de ensino da Cartografia e da Geografia Escolar como um todo. Com base nos questionários aplicados foi possível identificar essa situação no COMAGS, onde 60% dos professores que lecionam a disciplina Geografia não possui formação acadêmica na área (Gráfico 01).

Essa prática é uma realidade posta ao cenário educacional brasileiro, onde os professores acabam por ensinar disciplinas que não fazem parte da sua formação acadêmica para complementar sua carga horária de trabalho, no caso do ensino da Geografia em específico, isso se agrava ainda mais, pois para seu ensino é necessário que o docente domine minimamente os conceitos geográficos e cartográficos, mas o que se percebe é que não raro muitos desses professores possuem dificuldades ligadas a compreensão da Cartografia, ou ainda não são alfabetizados cartograficamente, processo que em tese deve ser desenvolvido ainda na infância. (FARIA; COSTA, 2012).

A segunda realidade a ser pensada e discutida está diretamente relacionada as dificuldades de compreensão dos conceitos e das noções cartográficas por alguns docentes de Geografia, pois segundo Melo e Oliveira (2009) o conhecimento cartográfico é trabalhado nos cursos de licenciatura em Geografia, muitas vezes, de modo desarticulado, ou seja, não há uma interligação com o ensino, deixando de considerar a realidade da Educação Básica. O saber cartográfico sem dúvida exerce

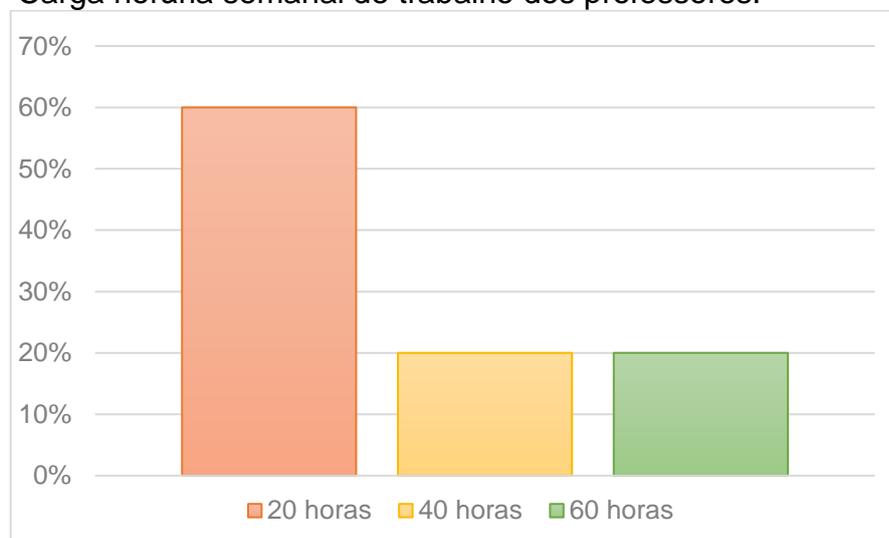
um papel relevante no curso de Geografia, no entanto deve estar relacionado a outros saberes, para então construir, a Cartografia Escolar, as autoras Melo e Oliveira (2009) apontam como uma possível solução para essa desarticulação, a inserção de um componente curricular no curso de licenciatura em Geografia especificamente para fazer essa interligação.

Parte dos cursos de licenciatura em Geografia trazem em suas matrizes curriculares os componentes Cartografia Sistemática e Cartografia Temática, e a depender do docente dessas disciplinas pode haver ou não uma correlação entre teoria e prática. Nesse caso, os cursos que possuem em seus currículos a Cartografia Escolar poderão minimizar os problemas acerca da linguagem cartográfica nas aulas de Geografia da Educação Básica.

Outro fator importante percebido a partir da pesquisa é que apenas 20% dos docentes possui pós-graduação em Geografia, sendo importante frisar as contribuições da formação continuada de forma a habilitar o professor para ser também um pesquisador, isto posto, poderá proporcionar uma prática pautada na reflexão crítica e na investigação, que possa avaliar suas próprias ações se aperfeiçoando cada vez mais, e assim adquirindo meios para estar em frequente criação e recriação de suas maneiras de ensino (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

O gráfico 02, indica a carga horária de trabalho semanal dos docentes, sendo essa uma informação importante ao discutir sobre as problemáticas que interferem na utilização da linguagem cartográfica.

**Gráfico 2 - Carga horária semanal de trabalho dos professores.**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

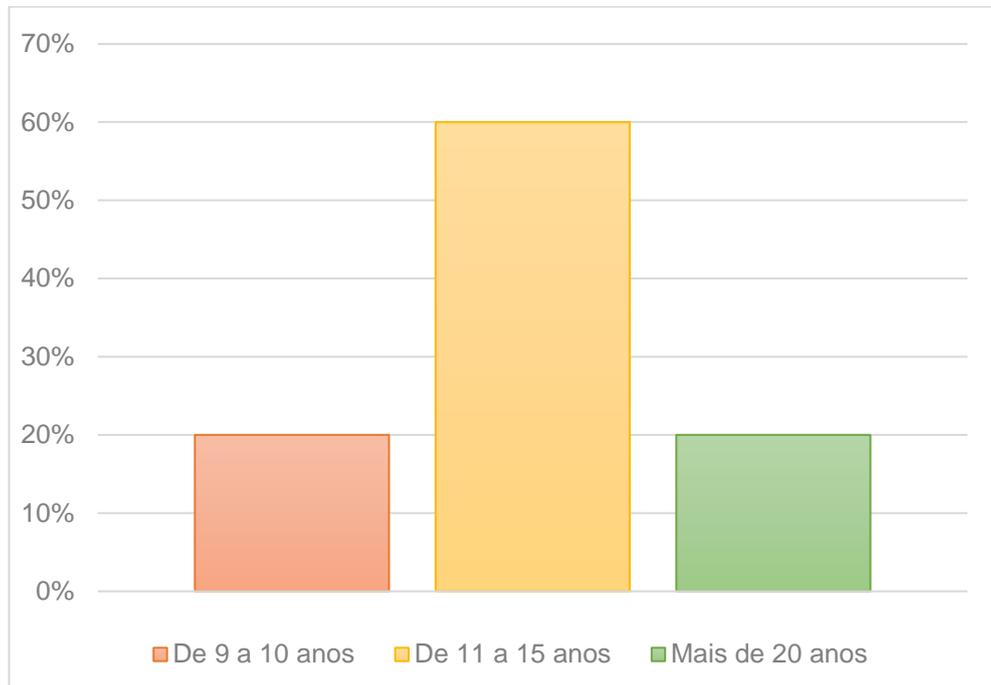
A jornada de trabalho do professor é um aspecto que influencia na qualidade do ensino de maneira geral, pois o docente além de exercer sua função na escola precisa, na maior parte dos casos, trabalhar também em casa seja corrigindo atividades, preparando aulas ou cumprindo obrigações próprias da sua profissão. Exercer uma longa jornada de trabalho impossibilita que o professor continue sua qualificação via formação continuada, implicando em um processo de ensino e aprendizagem sem o devido preparo.

De acordo com as respostas obtidas com o questionário, cerca de 60% dos professores possuem a carga horária de vinte horas semanais, o que relativamente nos leva a pensar que estes, apesar dos empecilhos que a profissão apresenta, possuem disponibilidade de tempo para exercer a função de professor pesquisador, tendo a oportunidade de aperfeiçoar as suas práticas educacionais, contribuindo para uma melhor aprendizagem das noções cartográficas por seus alunos.

Enquanto os outros 40% dos docentes possuem carga horárias de quarenta e sessenta horas semanais. Esta parcela dos professores enfrenta a problemática das longas jornadas de trabalho, dificultando também o exercício da função de pesquisador para continuar seus estudos, pois a rotina de trabalho além de ser exaustiva acaba interferindo em sua função enquanto professor. Isso nos leva a refletir que, muitas vezes, o fracasso da aprendizagem do saber cartográfico é atribuído apenas ao docente, por este ser o responsável pela mediação do conhecimento, no entanto é necessário observar também as questões estruturais postas nas realidades escolares e na educação do nosso país, pois a desvalorização do professor e do seu papel são os maiores responsáveis pela insuficiência do ensino.

Ao serem questionados sobre o tempo de atuação na unidade escolar investigada obtivemos, conforme o gráfico 03, as seguintes respostas:

**Gráfico 3-** Tempo de atuação como professor (a) no COMAGS.

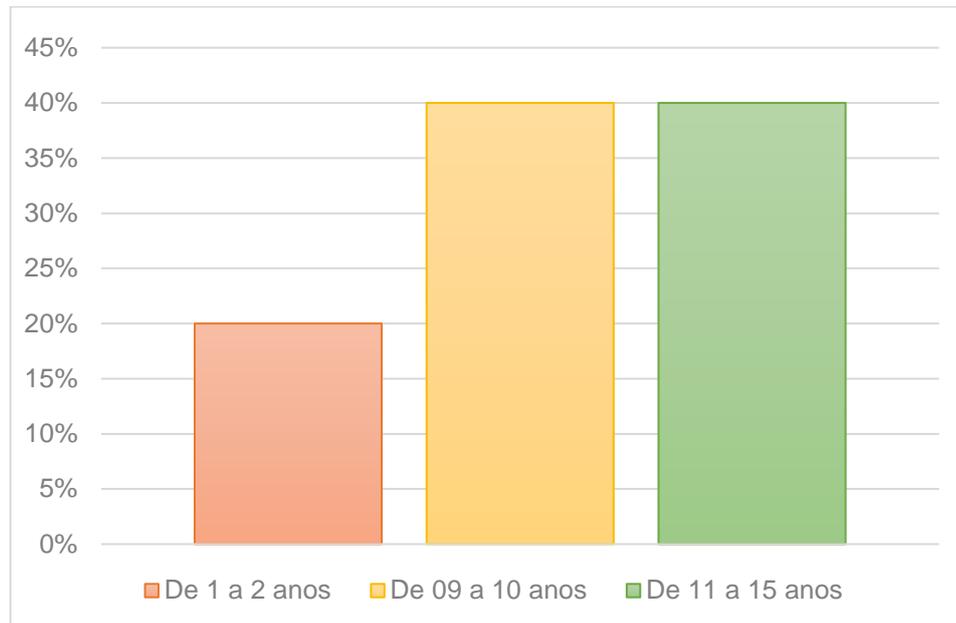


**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Todos os docentes já atuam a muito tempo nesse espaço escolar, o que nos leva a crer que já conhecem intimamente as potencialidades, bem como as problemáticas do colégio. No que se refere a prática de ensino do professor, conhecer bem a realidade do espaço em que atua e o perfil dos seus alunos são fatores positivos, uma vez que, os planejamentos devem estar pautados nessas questões.

Além disso, estar atento à realidade do espaço escolar e conhecer bem o perfil das turmas e de seus alunos permite ao docente a oportunidade de pensar suas práticas didáticas dentro das possibilidades da realidade em que está inserido, assim torna-se possível analisar quais as atividades que podem ser aplicadas e alcançarão os objetivos pedagógicos pré-estabelecidos. Não é viável por exemplo, que o professor proponha trabalhar em sala de aula com um recurso que a escola não dispõe ou uma atividade que não é compatível com o perfil de comportamento da sua turma.

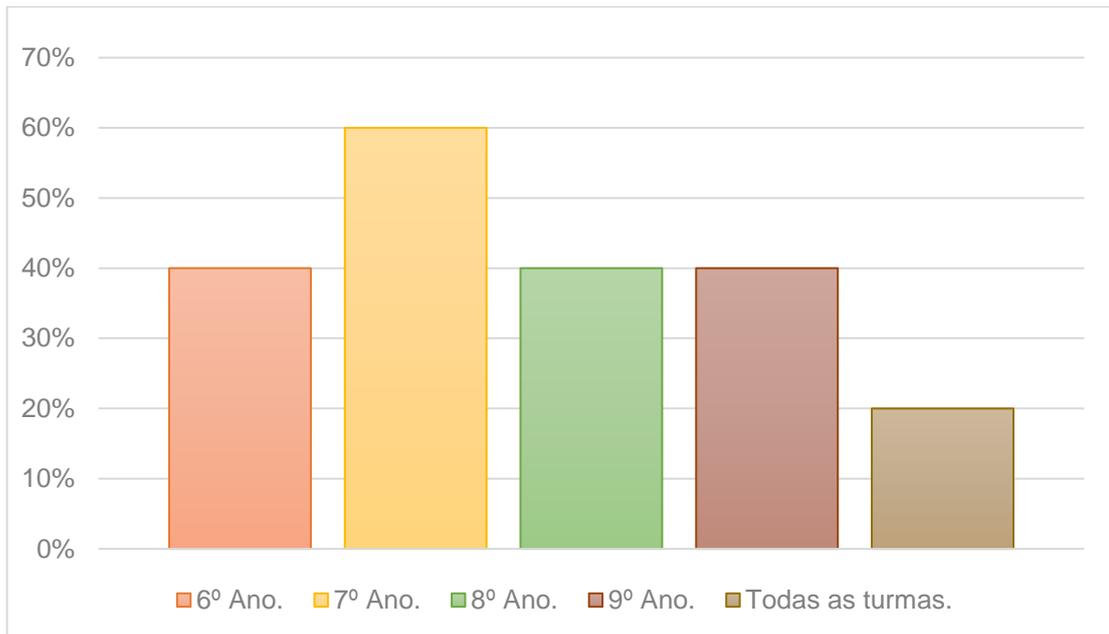
No gráfico 04 é representado o tempo que os professores participantes da pesquisa ensinam Geografia, possibilitando analisar se os docentes, apesar da maioria não ter formação na área, possuem uma experiência em relação ao ensino da disciplina.

**Gráfico 4 - Tempo que leciona a disciplina Geografia.**

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Apesar de boa parte dos professores pesquisados não serem formados em Geografia, pelo gráfico 04 nota-se que a maioria leciona essa disciplina há muito tempo. Esses dados nos faz acreditar que os professores podem ter se familiarizado com os conteúdos geográficos, no entanto isso não é um determinante para um ensino de qualidade, podendo acontecer dos docentes se prenderem a alguns conteúdos, focando naqueles que se identificam e deixando de abordar temáticas importantes para o ensino da Geografia.

O gráfico 05, apresenta as turmas que os professores trabalham com o ensino da Geografia, essa informação permite uma análise sobre os principais conteúdos trabalhados por esses professores.

**Gráfico 5 - Turmas que atua como professor de Geografia.**

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Por meio do gráfico podemos interpretar que a maioria dos professores trabalha com alunos de 7º ano, possivelmente por ter um maior número de turmas dessa série, enquanto a minoria trabalha com todas as turmas, isso reflete uma problemática identificada no colégio, pois apenas um professor leciona em turmas da EJA, o que provavelmente deve ser desgastante já que essas turmas necessitam de uma metodologia diferenciada de ensino que atendam às suas necessidades.

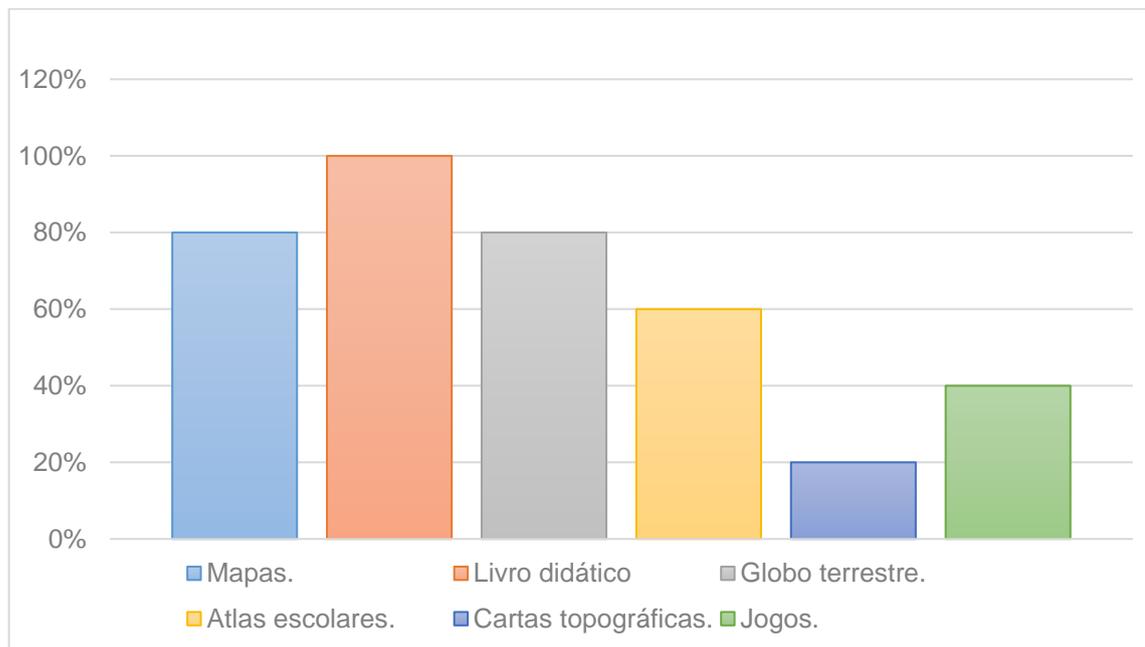
O profissional que trabalha com poucas turmas e séries tende a ter menos dificuldades em planejar suas aulas, bem como as atividades didáticas a serem utilizadas, já que apesar de cada turma ser singular em relação a perfis e comportamentos, os conteúdos programáticos e os objetivos educacionais geralmente são os mesmos, cabendo ao professor adaptar as atividades e avaliações para cada turma.

Vale ressaltar que, o professor quando trabalha com várias séries e turmas precisa dar conta de planejar e adaptar suas estratégias de ensino de acordo os conteúdos e objetivos para cada série, além de ter que se atentar para os perfis de cada turma, isso acaba dificultando o processo de ensino, pois torna-se um exercício constante e cansativo aliado a outras problemáticas da profissão, e por isso acabam por não conseguir buscar e utilizar novas propostas que facilitem a aprendizagem,

ficando presos, muitas vezes, ao material que está ao seu alcance sem muitos aprofundamentos nas discussões geográficas.

O gráfico 06, apresenta com base nos questionários os materiais didáticos que os professores costumam utilizar para trabalhar a linguagem cartográfica, possibilitando perceber como ela é introduzida nas aulas de Geografia.

**Gráfico 6-** Materiais didáticos/produtos cartográficos utilizados ao trabalhar a linguagem cartográfica



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Ensinar requer dos professores conhecimentos que possam contribuir com a formação dos estudantes, sendo assim o uso de materiais didáticos é relevante uma vez que os mesmos proporcionam aos alunos uma aproximação com o conteúdo, como afirma Freitas (2007, p.21):

Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo.

Entre os recursos didáticos mais utilizados pelos docentes está, em primeiro lugar, o livro didático, em segundo lugar estão os mapas e o globo terrestre e em terceiro os atlas escolares. De acordo com esses dados, percebemos que esses

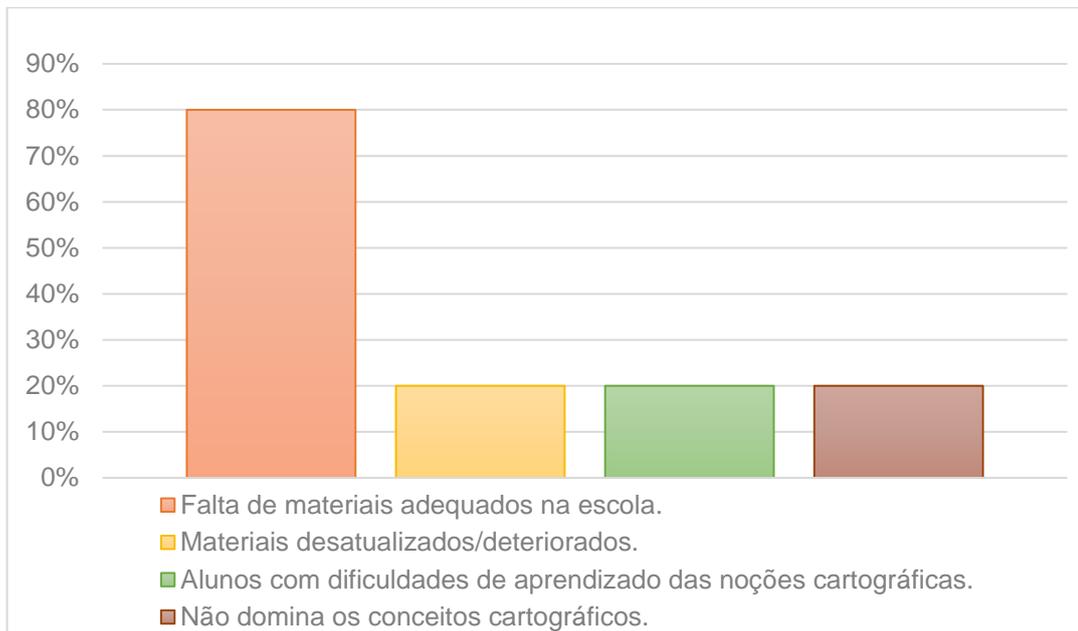
professores não destoam da realidade posta à educação brasileira, em que a maioria dos docentes se apegam ao livro didático como único recurso para suas aulas.

O livro didático surgiu no século XVII designado para a formação e a aprendizagem, no entanto a disseminação ocorreu de fato no século XIX. De início ele não estava ligado apenas ao aperfeiçoamento das técnicas de ensino e teorias da aprendizagem, mas principalmente as necessidades de expansão capitalista, em que era preciso recursos para treinamento técnico, militar e industrial. Por ser um dos recursos didáticos mais antigos, o livro didático tem um espaço significativo na escola, porém tem acontecido uma inversão em relação a sua função, ele tem sido transformado em muitos casos no sujeito do processo de ensino e aprendizagem, sendo que os sujeitos devem ser o professor e aluno que a partir de diversos recursos produzem e adquirem conhecimento sobre o mundo (LIMA, 1991).

Na prática, o livro didático pode ser um grande aliado do professor, desde que seja utilizado como mais um dos recursos que contribuem para o ensino e aprendizagem e não como um guia que estabelece o que deve ou não ser trabalhado em sala de aula. No entanto, o cenário posto aos profissionais da educação muitas vezes condiciona ao uso do livro, já que não é oferecido muitos recursos que auxiliem na construção do conhecimento.

O gráfico 07, reflete a realidade em que muitos professores são submetidos, principalmente aqueles que lecionam Geografia, pois a partir dos materiais didáticos podem introduzir a linguagem cartográfica, contribuindo com a aprendizagem dos conceitos/conteúdos geográficos.

**Gráfico 7-** Dificuldades encontradas para utilizar materiais didáticos e produtos cartográficos ao trabalhar com a linguagem cartográfica.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

A partir do gráfico 07, que representa as dificuldades encontradas pelos professores ao usar os materiais didáticos\produtos cartográficos a maioria dos entrevistados (80%) respondeu que a falta de materiais adequados na escola torna-se um dos principais empecilhos no manuseio desses recursos. Essa constatação não foge da conjuntura educacional do nosso país, na qual a educação não é vista como prioridade pelos governantes, fator esse que ocasiona o desmantelo das unidades escolares brasileiras, em que a falta de materiais didáticos é apenas mais uma das problemática enfrentadas. Frequentemente os poucos materiais encontrados nas escolas estão deteriorados e\ou desatualizados o que complica o manuseio e a compressão das informações representadas.

Nos questionários aplicados aos professores, foi citado que alguns alunos têm dificuldades de aprendizado das noções cartográficas, esse fato pode ser consequência de uma alfabetização cartográfica não desenvolvida durante a infância. É importante que desde os anos iniciais os alunos comecem a ter contato com as noções/princípios cartográficos como lateralidade, visão vertical, orientação, entre outros, para que futuramente compreendam os conceitos cartográficos. Através da alfabetização cartográfica eles podem tornar-se cidadãos capazes de analisar criticamente as representações de fenômenos presentes em seu espaço de

vivência, podendo assim questionar e compreender as dinâmicas socioespaciais as quais estão inseridos.

Um dos maiores entraves, no que se refere ao ensino e aprendizagem dos conteúdos relacionados à Cartografia Escolar, bem como com o uso dos produtos cartográficos a exemplo de mapas, cartas, fotografias aéreas, mapas do município, entre outros, é a falta de domínio dos conceitos cartográficos pelos professores. Se o docente não domina minimamente o conteúdo que está lecionando a aprendizagem está fadada ao fracasso. Infelizmente não é raro professores que lecionam Geografia não serem formados na área e possuem dificuldades principalmente, no domínio dos conceitos cartográficos, ou apesar de serem formados na ciência geográfica não se identificam com os conteúdos ou possuem dificuldades para entender e ministrá-los em função de sua formação. Por esses motivos, muitos professores abordam os conhecimentos cartográficos de maneira superficial ou sequer trabalha-os em sala de aula, consequência disso são alunos que não desenvolvem as habilidades cartográficas.

A partir da interpretação desses dados, observa-se que a maioria dos problemas que envolve o uso da linguagem cartográfica no COMAGS não são dificuldades exclusivas da unidade escolar, pelo contrário são problemáticas que infelizmente são identificadas em muitas escolas brasileiras, no entanto as respostas sobre a carga horária de trabalho semanal dos professores nos revelam que a maioria destes docentes não possuem longas jornadas de trabalho nessa instituição, o que não significa que eles não tenham outras atribuições. Portanto, para que esses professores possam buscar novas práticas cartográficas, o ideal seria que uma parte da carga horária fosse destinada a atividades de pesquisa e extensão.

#### **4. PROPOSTAS DIDÁTICAS: A PARCERIA ENTRE A GEOGRAFIA ESCOLAR E A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA**

Ser professor de Geografia não consiste apenas em ter um conhecimento específico, é importante possuir um olhar crítico em relação aos fatos que estão a sua volta, pois desse modo contribuirá para a formação de cidadãos críticos. Para aprimorar a sua prática o docente precisa buscar conteúdos e atividades que

contribuam em sala de aula com a produção do conhecimento, deixando de apenas transmiti-lo, despertando nos alunos motivação para construir o saber.

Nessa perspectiva, e tomando por base as problemáticas e potencialidades identificadas durante a pesquisa, buscamos contribuir com a prática docente por meio de propostas didáticas que complementem suas metodologias de ensino e os auxiliem na utilização da linguagem cartográfica. A elaboração dessas propostas baseou-se no documento legal PCN que determina as competências e habilidades cartográficas a serem construídas no Ensino Fundamental II, decidimos apenas relacionar essas práticas aos eixos temáticos estabelecidos pela BNCC, por se tratar de um documento recente que aborda a Cartografia superficialmente, entretanto o Ensino Fundamental II atualmente é norteado pela BNCC, por isso a necessidade de fazer essa interligação. Optamos por não utilizar os livros didáticos adotados pela unidade escolar, para que os professores não fiquem presos a este material, e além desse fator, os livros possuem uma espécie de “prazo de validade” e são constantemente substituídos.

Estabelecemos como critério a elaboração de no mínimo duas propostas didáticas para cada ciclo, optando não apenas por assuntos específicos da Cartografia, mas também conteúdos da Geografia que a linguagem cartográfica pode auxiliar na compreensão. Posteriormente com a disponibilização da pesquisa os professores do COMAGS e de outras unidades escolares poderão utilizar essas práticas em sala de aula, adaptando-as caso haja a necessidade.

Para facilitar as discussões e compreensão dessas propostas, estas foram divididas seguindo a organização do PCN, uma vez que ele no Ensino Fundamental é dividido em quatro ciclos, sendo que, o terceiro e o quarto referem-se as turmas do Ensino Fundamental II. Como os PCN foram elaborados no ano de 1998 a organização da educação básica era diferente da atual, portanto o terceiro ciclo é direcionado a 5ª e 6ª série, atualmente 6º e 7º anos, e o quarto ciclo que abrange a 7ª e 8ª série hoje corresponde ao 8º e 9º anos.

#### 4.1 PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O TERCEIRO CICLO (6º E 7º ANOS)

No terceiro ciclo, os Parâmetros Curriculares pontuam que o estudo da Geografia pode recuperar questões referentes à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos sujeitos, dos grupos sociais e, de maneira geral, da

sociedade na construção do espaço. Desse modo, a paisagem local e o espaço vivido tornam-se as referências para o professor estruturar o seu trabalho e, a partir daí, introduzir os alunos nos espaços mundializados (BRASIL, 1998).

Como os alunos desse ciclo vêm do Ensino Fundamental I, é importante que o professor trabalhe os conteúdos de maneira que possam partir da realidade em que vivem, pois nesse estágio o estudante ainda está desenvolvendo a habilidade de abstração para perceber ou entender os fenômenos geográficos em espaços distantes, daí a relevância de se trabalhar com espaço local.

Nesse período, é importante que os alunos explorem os procedimentos que fazem parte dos métodos de estudo da Geografia. Observar, descrever, representar cartograficamente ou por imagens os espaços e construir análises, são procedimentos que permitem o aprofundamento nas discussões geográficas, mesmo que ainda com pouca autonomia, sendo imprescindível a orientação do professor. Por exemplo, em relação à observação, o professor pode levá-los a entender que essa ação não se trata apenas de um olhar um pouco mais atento, mas sim de olhar intencionalmente, em busca de respostas, nem sempre visíveis de imediato. A descrição, por sua vez, não deve ser apenas uma listagem aleatória do que se observa no espaço, mas a seleção das informações que sugerem certas explicações e possuem relação com as hipóteses daquele que observa e descreve (BRASIL, 1998).

Tomando como base o perfil do aluno desse ciclo, as competências e habilidades a serem construídas pelos estudantes e as recomendações que os PCN estabelecem em relação a recursos didáticos e conteúdos programáticos, foram pensadas algumas práticas que podem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, relacionando-as com as unidades temáticas estabelecidas pela BNCC. Nas práticas desenvolvidas para este ciclo podem ser trabalhados pelos professores os conceitos de lugar e paisagem, por meio da linguagem cartográfica, bem como alguns conteúdos e noções da Cartografia, como orientação, escala e coordenadas geográficas, além da regionalização brasileira.

A inicialização da linguagem gráfica, por sua vez, pode ser realizada levando em consideração os pontos de referências que os alunos já conhecem e utilizam para se localizar e orientar no espaço, tais como monumentos, avenidas e praças, entre outros. A partir desses conhecimentos prévios, o professor pode criar outros, nos quais possam esquematizar e ampliar suas noções de distância, direção e

orientação. Os mapas mentais em que expressa livremente sua concepção de espaço, pode ser de grande valia nessa fase (BRASIL, 1998).

A primeira proposta didática pode ser encaixada na BNCC a partir da unidade temática “O sujeito e seu lugar no mundo” para turmas de 6º ano, que propõe o estudo do lugar de vivência dos alunos. A proposta é aparentemente simples, uma vez que durante o processo de alfabetização cartográfica que ocorre no Ensino Fundamental I, a maioria dos alunos já realiza essa atividade, que consiste na elaboração de um mapa mental sobre o espaço vivido do sujeito, ou seja, o estudante vai desenhar o trajeto de sua casa até o colégio, mas como nesse ciclo (6º e 7º ano) os alunos tem um contato maior com os conteúdos de orientação, é importante que eles destaquem nesse mapa mental os principais pontos de referências, indicando também suas direções (pontos cardeais, colaterais ou sub-colaterais). Alguns alunos podem ter dificuldades para identificar as direções dos pontos representados em seu trajeto e cabe ao professor auxiliá-los ou indicá-los a utilização de algum equipamento como a bússola, celular e outros.

A elaboração desse mapa mental possibilitará aos sujeitos representar por meio da linguagem cartográfica, os elementos que compõem um trajeto que faz parte do seu cotidiano, além de desenvolver e/ou aprimorar habilidades importantes, pois ao desenhar os objetos que possuem tamanhos e formas diferentes por exemplo, o aluno precisará ter noção de proporção e de escala, e da orientação para identificar e destacar os pontos de referências e suas direções. É importante que o aluno não represente de forma mecânica, mas seja orientado a analisar criticamente quais os fatores que levam alguns pontos específicos do seu trajeto a serem referências espaciais.

No terceiro ciclo, é destacado a relevância do estudo da Cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, nesse âmbito são estabelecidos como conteúdos cartográficos a serem estudados a orientação e medição cartográfica, as coordenadas geográficas, entre outros. Ambos os conteúdos aparecem como saberes essenciais para o estudo dos lugares, facilitando a interpretação da espacialidade dos fenômenos analisados. Ainda sobre a linguagem cartográfica como um recurso na aprendizagem da Geografia os PCN pontuam a importância da confecção, pelos alunos, de croquis cartográficos elementares para análise de informações e o estabelecimento de correlação entre fatos.

O jogo é um recurso importante no processo de ensino e aprendizagem, pois se torna um material atrativo à medida que desperta nos alunos curiosidades, além de possibilitar um aprender mais prazeroso. O jogo dinamiza a aula e permite que o estudante construa por meio de regras e métodos o conhecimento, o mesmo é um instrumento de socialização, que trabalha também princípios e valores ao estabelecer normas de execução do jogo e de respeito a todos os participantes. (BREDA, 2018)

Não foi possível relacionar duas (a segunda e a terceira) propostas didáticas desse ciclo as unidades temáticas apresentadas na BNCC, pois ambas sugerem o trabalho de conceitos/conteúdos da Cartografia Escolar, os quais não são contemplados claramente no documento, mas são importantes para o desenvolvimento dos alunos em relação a compreensão do saber geográfico.

A segunda proposta para esse ciclo consiste na utilização de um jogo (figuras 01 e 02) que foi elaborado em conjunto com alguns colegas para ser utilizado nas oficinas do Estágio Supervisionado em Geografia IV. O jogo de localização contém um painel com alguns pontos de referências (casa, mercado, praça, escola, entre outros) e dois dados com os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais nas faces. Os alunos deverão movimentar um boneco (que pode ser confeccionado pelo professor, pelos alunos ou em conjunto), seguindo a direção indicada ao jogar um dos dados, sempre observando a posição do sol (no painel).

A partir da participação nesse jogo, os sujeitos poderão compreender melhor como ocorre a orientação pela observação desse astro, bem como as posições dos pontos colaterais e subcolaterais em relação aos pontos cardeais. Para além da localização o jogo poderá explorar outras questões que auxiliem no desenvolvimento do raciocínio geográfico.

**Figura 1 - Jogo de Localização**



Fonte: Arquivo Pessoal.

**Figura 2 - Jogo de Localização**

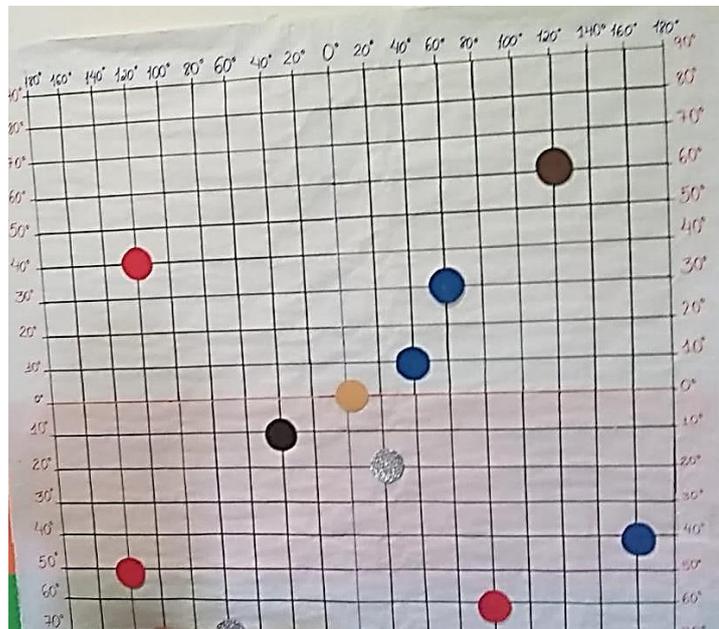


Fonte: Arquivo pessoal.

A terceira proposta é um painel de coordenadas (figuras 03 e 04) que pode ser elaborado em conjunto, professor e alunos, ele é composto por linhas horizontais e verticais que representam os paralelos e meridianos e nelas são colocados os graus correspondentes, é importante destacar a Linha do Equador e o Meridiano de

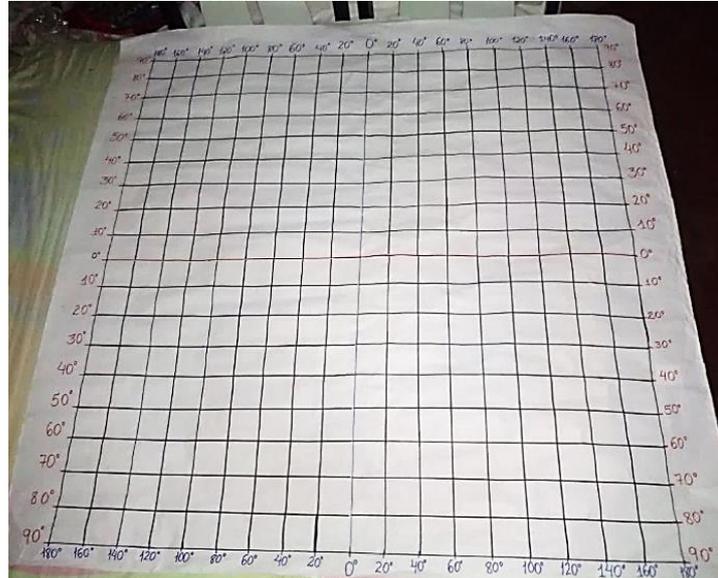
Greenwich para que os alunos possam se orientar em relação aos hemisférios (norte, sul, leste e oeste). A atividade pode ser realizada em grupo ou individualmente e consiste na localização de pontos a partir das coordenadas que o docente passará para os alunos. Esse exercício pode ser utilizado para explorar conteúdos e conceitos geográfico como: vegetação, clima, solo, geologia, ocorrência de determinados fenômenos e características locais. A partir dessas problematizações, o raciocínio geográfico poderá ser construído em sala de aula, tomando a linguagem cartográfica como referência para discussões que vão além da localização.

**Figura 3** - Painel de Coordenadas.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

**Figura 4 - Painel de Coordenadas.**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

A elaboração de um croqui é a quarta proposta para esse terceiro ciclo, o mesmo pode ser relacionado a unidade temática da BNCC: “Formas de representação e pensamento espacial” em turmas de 7º ano, pois apesar de sugerir a utilização de mapas temáticos sobre o Brasil, o professor pode optar por representar alguns aspectos brasileiros a partir da elaboração do croqui. Pois, é um tipo de representação gráfica que não possui muita técnica e muito rigor na sua elaboração em comparação com os mapas, sendo assim, as informações podem ser simplificadas, mas precisam ser fidedignas. O processo de elaboração cartográfica deve ser feito dentro dos parâmetros aceitáveis, já que se trata de uma simplificação que possui o objetivo de esclarecer um tema, permitindo sua compreensão. (MORONE, 2007)

A sugestão é que os alunos elaborem um croqui do território brasileiro com as divisões regionais, destacando os fatores econômicos de cada uma delas. Esse material pode ser confeccionado de várias maneiras, pode-se utilizar a pintura, colagem de imagens ou produtos das principais produções econômicas de cada região, sendo assim, cabe ao professor analisar o que é melhor e acessível à sua turma. O croqui contribui muito com o processo de ensino e aprendizagem, pois quando os alunos participam da elaboração do material conseguem visualizar e

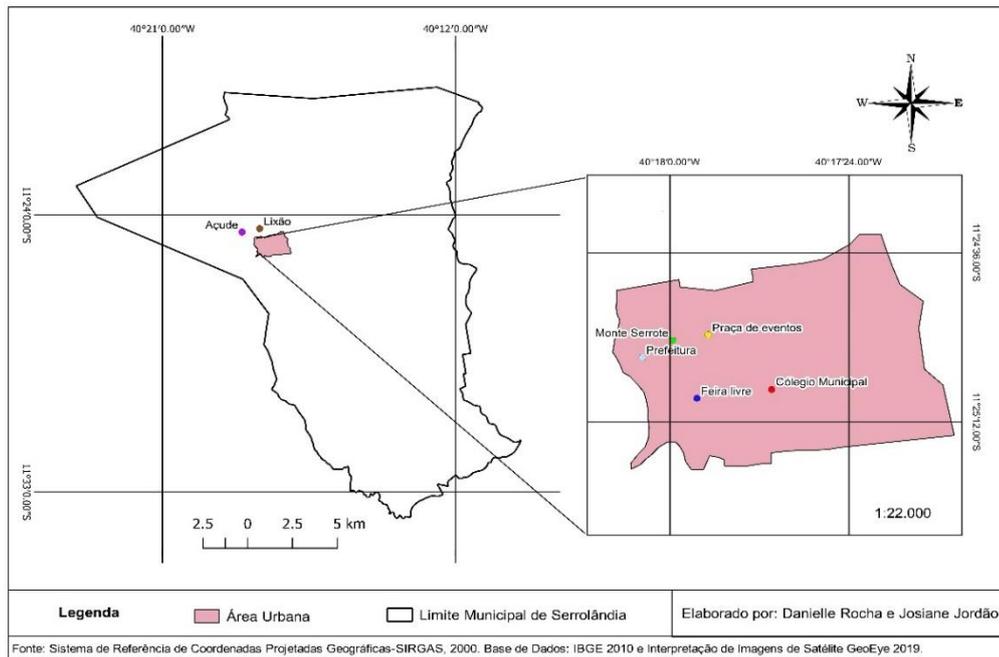
contribuir com discussões sobre a temática/conteúdo representados com maior facilidade.

No estudo do espaço geográfico, a utilização das imagens e a representação dos lugares mais próximos e distantes são opções didáticas interessantes, por meio das quais os alunos podem construir e reconstruir, de maneira cada vez mais estruturada, as percepções que têm da paisagem local e também global, tomando consciência de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar em que vivem (BRASIL, 1998).

Nesse contexto, a interface com a História é muito importante, pois a Geografia pode até trabalhar com recortes temporais e espaciais diferentes dos da História, no entanto não pode construir interpretações de uma paisagem sem buscar sua historicidade. Assim, uma abordagem que pretende ler a paisagem local e global, estabelecer comparações, compreender as múltiplas relações entre a sociedade e a natureza de um determinado lugar pressupõe uma inter-relação entre essas áreas, tanto nas problematizações como nos conteúdos e procedimentos (BRASIL, 1998).

A quinta e última proposta para esse ciclo tem como base um mapa de Serrolândia (Mapa 02) elaborado pelas pesquisadoras, o qual representa alguns pontos de referência de Serrolândia-BA. O mapa é uma linguagem que quando utilizada contribui para a compreensão da organização sócio-espacial, possibilitando ao indivíduo entender as características econômicas, físicas, sociais e ambientais do espaço, mas favorecendo principalmente a realização de estudos comparativos em diferentes escalas das paisagens e territórios representados (MOREIRA, 2009).

**Mapa 2** - Mapa de pontos de referência de Serrolândia-BA.



**Fonte:** Elaborado a partir de base de dados do IBGE (2010) e GeoEye (2019), por Danielle Rocha Angelim da Silva e Josiane Jordão Silva (2019).

Na atividade os alunos deverão buscar fotos antigas e atuais dos pontos representados no mapa e fazer uma análise das modificações ocorridas nessas paisagens, é interessante que o professor faça uma divisão na turma, formando grupos para pesquisar as fotos. Essa proposta, assim como a primeira desse ciclo pode ser relacionada a unidade da BNCC “O sujeito e seu lugar no mundo” em turmas de 6º ano, já que permitirá ao sujeito a partir da realidade e da história da cidade, compreender o conceito de paisagem analisando as modificações que ocorreram com o tempo nos locais destacados no mapa, como também as que ainda ocorrem em alguns períodos festivos do ano, uma vez que a paisagem é composta por elementos visuais, sonoros e outros.

#### 4.2 PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O QUARTO CICLO (8º E 9º ANOS)

Os PCN destacam que nesse ciclo é necessário considerar a possibilidade de trabalhar outros níveis de complexidade teórica e metodológica, de acordo com o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Os assuntos podem aprofundar os níveis conceituais, procedimentais e atitudinais, visto que, nesta fase de maturidade, os alunos já percebem e compreendem relações mais complexas do espaço

geográfico. O aluno do quarto ciclo, em tese, já está apto a compreender as relações entre sociedade, cultura, Estado e território, bem como as contradições que ocorrem nos diversos espaços geográficos (BRASIL, 1998).

É durante a adolescência e juventude que o sujeito amplia sua consciência crítica e visão de mundo. Assim é interessante que o aluno seja submetido a discussões que favoreçam a criação de situações de aprendizagem, oportunizando aos alunos a problematização de questões no espaço em que estão inseridos, permitindo-o o exercício pleno da cidadania crítica.

Em relação a seleção das temáticas geográficas para interpretação do mundo, é relevante entender e considerar as características da cultura jovem na atualidade, em que as tecnologias aparecem como ferramentas acessíveis a esse público. Desse modo, deve-se escolher temas diversificados que permitam explicar e tornar o conhecimento do mundo em algo significativo para vida do aluno. É necessário compor temáticas num amplo leque que possibilite a compreensão da sua própria condição como sujeito em meio a sociedade (BRASIL, 1998).

Portanto, no quarto ciclo para o estudo da Geografia sugere-se que os eixos de conteúdos se baseiem em temas relativos à interação da sociedade com a natureza, nos âmbitos técnicos e culturais que envolvam a apropriação e a transformação dos territórios, o modo de produzir e pensar o mundo nas sociedades atuais, a discussão dos grandes dilemas de diferentes fases da história das técnicas, do trabalho, da cultura e da natureza, procurando sempre compreender a Geografia numa perspectiva histórica ampliada. É possível ainda, politizar as discussões das ações dos indivíduos, dos grupos sociais e, de maneira geral, da sociedade na apropriação dos territórios (BRASIL, 1998).

É relevante a identificação dos jovens frente as temáticas estudadas, como por exemplo, com as lutas ambientalistas, movimentos culturais e políticos. Neste estágio, os recortes espaciais e temporais podem ser trabalhados de maneira que integre as diferentes escalas, global, regional e local, discutindo e problematizando as suas interações e contradições. No entanto deve-se evitar a análise descritiva enfadonha e pouco argumentativa, que tem infelizmente tornado a Geografia uma das áreas menos atraentes para os jovens (BRASIL, 1998).

Partindo do que é estabelecido nos PCN para o ensino e aprendizagem da Geografia no 8º e 9º ano, foram desenvolvidas e relacionadas as unidades temáticas estabelecidas pela BNCC quatro propostas didáticas, as quais são apresentadas

alguns conteúdos geográficos como a diversidade cultural do Brasil, aspectos físicos dos continentes africano e asiático, globalização e suas implicações e questões ambientais, os produtos cartográficos propostos para trabalhar essas temáticas foram os gráficos, croquis, mapas e imagens de satélites.

A primeira proposta para esse quarto ciclo é a elaboração de um croqui do território brasileiro com as divisões regionais, semelhante a quarta proposta do terceiro ciclo, no entanto, nessa é sugerido como tema a diversidade cultural do Brasil que pode ser encaixada na unidade temática da BNCC “O sujeito e seu lugar no mundo” nas turmas de 8º ano, uma vez que são citados como objetos de conhecimento a diversidade mundial e local. Em um país composto e constituído por diferentes povos, é importante trabalhar esse tema em sala de aula, pois os alunos precisam conhecer e aprender a respeitar todas as culturas. Na elaboração desse croqui é importante abordar as culturas brasileiras relacionando-as com os povos que influenciaram em suas formações, interligando assim com a história do país e com sua divisão regional.

A discussão sobre esse tema possibilita ao aluno compreender o Brasil, sua diversidade e as especificidades de cada região a partir de um olhar mais crítico. É importante entender que a regionalização não é decorrente apenas de uma divisão territorial administrativa, mas também de aspectos sociais, culturais e ambientais, e que as regiões estão interligadas e por isso não devem ser estudadas e analisadas separadamente, uma vez que elas fazem parte de um todo que é o Brasil. (BRASIL, 1998.)

O croqui é uma representação interessante para se trabalhar em sala de aula, pois pode ser elaborado de diversas maneiras e com diferentes materiais, podendo ser utilizados até objetos recicláveis, sendo assim, a segunda proposta também é uma elaboração de croqui, nessa atividade os alunos devem ser orientados a produzirem uma representação de dois continentes do planeta, sendo que pela BNCC na unidade “Natureza, ambiente e qualidade de vida” é recomendado que se estude a África em turmas de 8º ano e a Ásia no 9º ano, a sugestão é que se destaque questões físicas de cada um. Caberá ao professor estabelecer quais aspectos físicos serão abordados na elaboração dos croquis, bem como, quais discussões serão levantadas a partir dessa representação, a sugestão é que a turma seja dividida em vários grupos e que cada um represente um aspecto em específico,

pois desse modo pode ser realizado um momento para a socialização dos croquis e compartilhamento das informações representadas.

A terceira proposta sugere uma atividade sobre globalização que pode ser relacionada a unidade “O mundo do trabalho” em turmas de 9º ano, pois nela a BNCC cita as cadeias industriais e as transformações do espaço a partir do urbano-industrial. Para trabalhar essa temática em sala de aula é interessante que seja feita uma análise de como o global se apresenta na escala do lugar, partindo dessa perspectiva o fenômeno da globalização contribui notoriamente para o processo de múltiplas relações entre o local e o global, como afirma Carlos 2007:

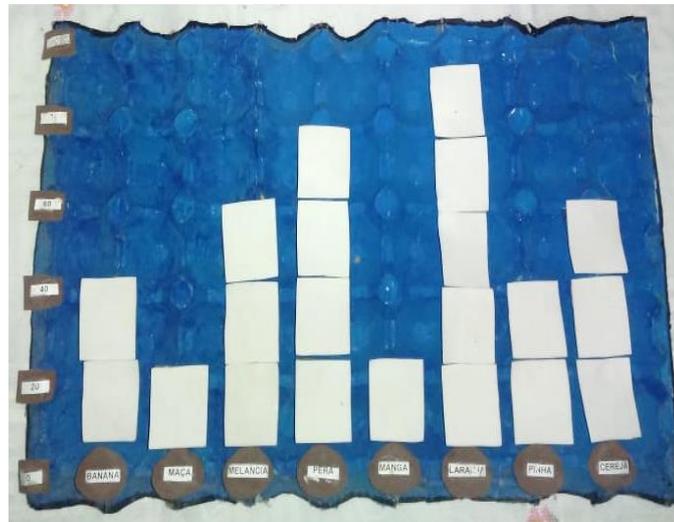
Por sua vez a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades. (p.14)

Assim, as práticas desenvolvidas em sala de aula para o estudo da globalização e suas implicações, devem associar as escalas global e local, para que o aluno compreenda que o espaço em que está inserido apesar das suas singularidades, integra um espaço mais abrangente e se interligam, refletindo em seu cotidiano as consequências desse fenômeno.

A proposta consiste inicialmente em uma pesquisa sobre algumas marcas globais presentes na cidade, os alunos deverão quantificar a presença dessas marcas, então a partir desses dados e com o auxílio do professor eles deverão representar essas informações a partir de gráficos. Propomos que essas representações sejam elaboradas com caixas de ovos semelhante aos das figuras 05 e 06, pois é um material reciclável e pode ser transformado em diferentes tipos de gráficos (linhas, pontos, colunas e etc.).

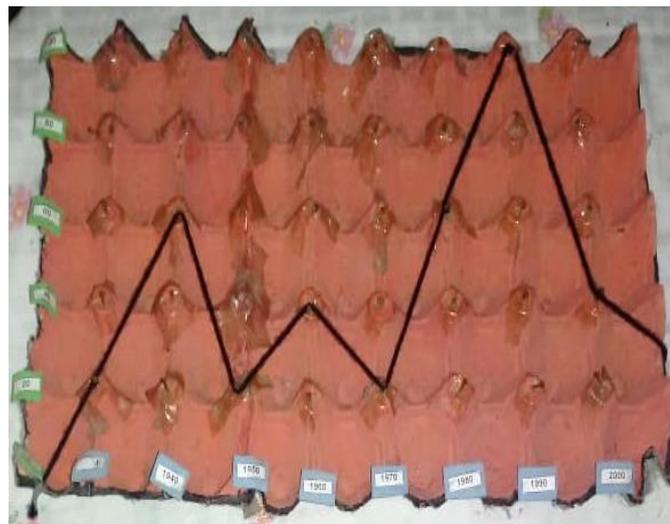
Os gráficos vão além de meras ilustrações, eles dirigem os discursos e são instrumentos de reflexão e descoberta da informação real, se tornam eficaz ao possibilitar para os sujeitos uma resposta visual, fácil e rápido das questões levantadas (MARTINELLI, 1998), sendo assim, é importante que esses dados levantados e representados nos gráficos sejam socializados, possibilitando reflexões e análises críticas de questões que estão relacionadas a temática.

**Figura 5** - Exemplo de gráfico de coluna produzido com caixas de ovos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

**Figura 6** - Exemplo de gráfico de linha produzido com caixas de ovos.



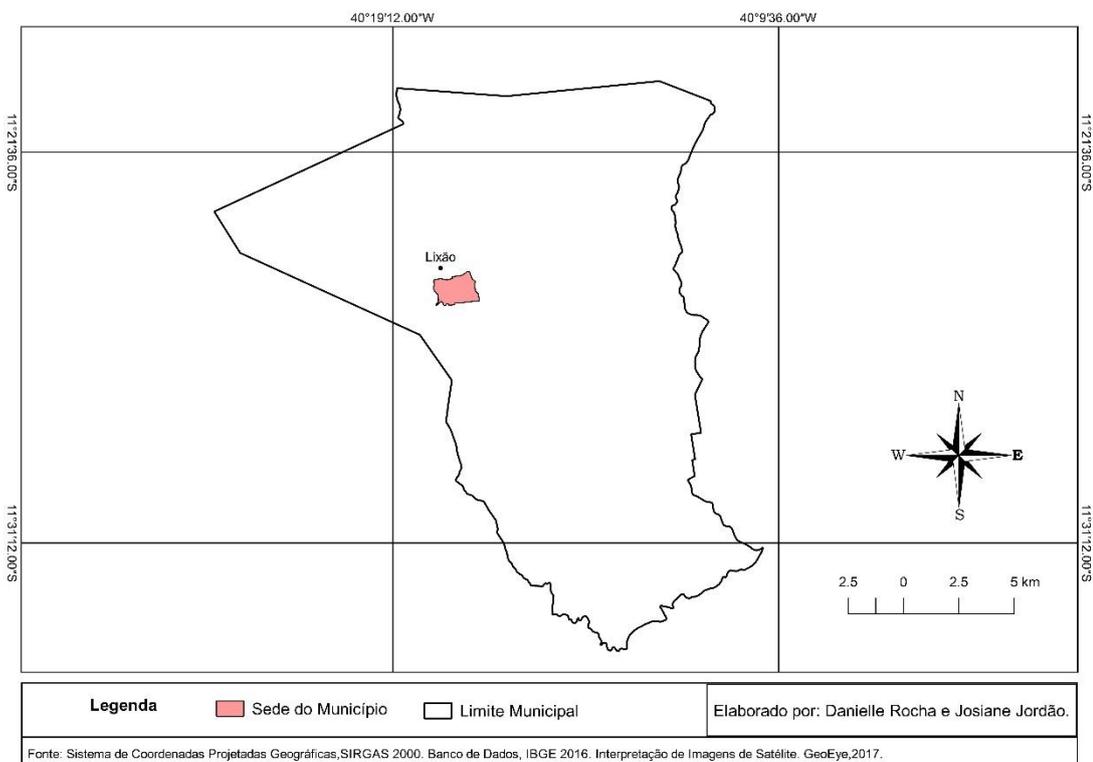
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Como afirma Moreira e Ulhôa (2009) ensinar Geografia tem sido um desafio cada vez maior, pois o professor precisa saber selecionar e utilizar linguagens apropriadas para cada momento do processo de ensino e aprendizagem. As TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) podem contribuir na construção do conhecimento geográfico, possibilitando ao professor apoiar-se em diferentes linguagens de comunicação e expressão para selecionar informações e conduzir discussões em sala de aula.

Para a quarta e última proposta desse ciclo é necessário que o professor ou o aluno busque imagens de satélite do lixão de Serrolândia e leve para aula, já que o colégio infelizmente não oferece suporte para que os alunos colem essas imagens na própria unidade escolar. A partir desse material o professor pode abordar diversas temáticas como o consumismo, a produção e o destino dos resíduos sólidos urbanos (RSUs), os impactos ambientais (poluição), entre outros. Portanto, como essa proposta permite discussões de temas transversais não há necessidade de relacioná-la a uma unidade temática da BNCC, pois o professor pode estar analisando qual o melhor momento para trabalhar essas questões.

Como a imagem é de um ponto da cidade em específico é interessante que o docente conduza a discussão para questões mais locais, como por exemplo, a problemática da proximidade do lixão e a sede urbana do município que pode ser analisada pelos alunos a partir do mapa do lixão elaborado pelas pesquisadoras (Mapa 03), e o destino dos RSUs gerados pelas fábricas de bolsas de Serrolândia.

**Mapa 3 - Mapa de Localização do Lixão Municipal de Serrolândia-BA.**



**Fonte:** Elaborado a partir de base de dados do IBGE (2010) e GeoEye (2017), por Danielle Rocha Angelim da Silva e Josiane Jordão Silva (2017).

Essas análises de questões mais locais permitirão ao aluno uma melhor compreensão sobre algumas problemáticas como o processo de industrialização e o crescimento da população urbana, que contribui, entre outros problemas, para o aumento da geração de resíduos sólidos, levando a necessidade de locais específicos para o devido descarte desses materiais, que atendam alguns requisitos como serem afastados dos núcleos populacionais e que siga criteriosamente as condições necessárias para que não ocorra uma elevada contaminação dos solos, do ar e das águas subterrâneas e superficiais. No entanto, o que ocorre na prática é que em muitos municípios brasileiros ainda existem verdadeiros lixões a céu aberto sem nenhuma preocupação por parte dos seus gestores com os impactos ambientais e sociais que esses tipos de práticas podem ocasionar, como ocorre na cidade de Serrolândia-BA (figura 07).

**Figura 7** - Imagem de satélite do lixão de Serrolândia.



**Fonte:** Google Earth Pro (Lat: 11° 24'27.46" S, Long: 40°18'00.50" W).

As propostas didáticas tanto desse quarto ciclo, como as do terceiro podem auxiliar o trabalho do professor na construção do saber geográfico em sala de aula, uma vez que sugere a utilização da linguagem cartográfica para trabalhar conceitos e noções da Cartografia Escolar e da Geografia, como também algumas temáticas transversais, ressaltando a necessidade do indivíduo analisar com criticidade as questões levantadas, além de algumas propostas possibilitarem a participação dos

alunos na elaboração de materiais cartográficos, que são fundamentais nas discussões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos documentos legais direcionadas ao Ensino Fundamental II (BNCC e PCN) percebemos que a linguagem cartográfica recebe abordagens distintas. Os PCN apresentam de maneira clara a importância da utilização da linguagem cartográfica nas aulas de Geografia, sendo ela relacionada com diversos conceitos e temas, evidenciando assim, suas contribuições para a construção do saber geográfico. Já a BNCC, recomenda a utilização das representações cartográficas para a aprendizagem dos conteúdos geográficos, porém não especifica claramente por meio de competências e procedimentos, a obrigatoriedade de se trabalhar os conceitos cartográficos em sala de aula, dessa maneira a linguagem da Cartografia é apresentada no documento de maneira sugestiva e superficial.

Entre as principais dificuldades que afetam a utilização da linguagem cartográfica, e elencadas pelos professores na pesquisa, está a formação docente. É sabido que com a finalidade de completar a jornada de trabalho muitos professores lecionam disciplinas que não possuem formação na área, e a Geografia por ter nas grades curriculares do Ensino Fundamental II uma carga horária menor que certas disciplinas acaba sendo uma espécie de “quebra galho” para complementação de carga horária, isso acaba por interferir de maneira geral na construção do conhecimento e no tratamento dos conceitos geográficos.

No caso da Cartografia Escolar essa problemática se agrava ainda mais, pois por se tratar de um conhecimento sistematizado que envolve algumas noções como por exemplo lógico-matemáticas, vistas por muitos como complexas, a linguagem cartográfica acaba sendo negligenciada, seja por ser abordada superficialmente ou ser ignorada pelo professor.

No processo de ensino e aprendizagem o saber cartográfico necessita de recursos didáticos que viabilizem a sua compreensão, no entanto a maioria das escolas brasileiras não dispõem desses recursos, como é o caso do colégio onde foi realizada a pesquisa. A falta de materiais didáticos e produtos cartográficos adequados na unidade escolar, é um dos fatores que mais dificulta o trabalho docente quando se trata da linguagem cartográfica, pois além de planejar suas aulas e pensar em práticas que facilitem a aprendizagem do saber cartográfico, os

professores se vêm obrigados a ter que produzir ou ir em busca dos seus próprios materiais já que a escola não os fornecem.

Comumente é atribuído ao docente o fracasso do processo de ensino e aprendizagem não só da Cartografia Escolar, mas em todas as áreas do conhecimento, já que este é um dos sujeitos mais importantes desse processo, o que tem a função de mediar a construção do conhecimento. As práticas docentes são importantes no que se refere a Cartografia Escolar, entretanto vários fatores que cercam essa profissão acabam dificultando o processo de ensino e aprendizagem do saber cartográfico.

Com os resultados dessa pesquisa foi possível o entendimento de que a maior parte dos problemas que envolvem a utilização da linguagem cartográfica pelo professor nas aulas de Geografia são de ordens governamentais, que submete a profissão docente e a educação de maneira geral a uma constante desvalorização. Percebe-se que a realidade em que os professores do COMAGS estão submetidos não foge do cenário educacional do nosso país, em que as problemáticas que cercam o trabalho docente são consequências da precarização da educação, dessa forma para que esses problemas sejam solucionados são necessárias políticas públicas direcionadas a valorização do trabalho docente e a educação.

A realização dessa pesquisa foi importante na medida que permitiu a identificação dos principais problemas que interferem direta ou indiretamente no uso da linguagem cartográfica pelos professores de Geografia do COMAGS, respondendo assim a questão norteadora da pesquisa. Os objetivos estabelecidos para a pesquisa foram alcançados na medida que a partir das análises e da identificação dos principais problemas foi possível elaborar propostas didáticas que sugerem a utilização da linguagem cartográfica para auxiliar nas discussões geográficas e na compreensão da Cartografia Escolar, podendo contribuir com a prática docente dos sujeitos da pesquisa.

É importante ressaltar que a temática discutida na pesquisa e a problemática aqui investigada não deve ser dada por esgotada, deixando aberta para futuros estudos a possibilidade de um aprofundamento acerca das questões aqui levantadas e uma possível intervenção que possa contribuir com a realidade estudada e a formação continuada desses professores.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004. 115 p.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. 224 p.

ALMEIDA, Rosângela Doin de: ALMEIDA, Regina Araujo de. FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS DA CARTOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, Nº 63/4, p. 885-897, Jul/Ago/2014.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2. ver. 2017. 676p.

BREDA, Thiara Vichiato. **Jogos geográficos na sala de aula.** Curitiba : Appris, 1 ed. 2018. 152 p.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003, p. 57– 63.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.

CASTELLAR, Sonia Mara Vanzella. **Educação geográfica: a psicogenética o conhecimento escolar.** Cad. Cedes, Campinas, vol.25, n.66. p.209-225, maio\ago.2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2009, 172 p.

FARIAS. Maria Berlândia da Silva; COSTA. Franklin Roberto da. O ensino da Cartografia no Nível Fundamental: um estudo de caso na Escola Municipal Edilton Fernandes e na Escola Estadual Padre Bernardino Fernandes em Marcelino Vieira-Rn. **GEO Temas**, Pau dos ferros, v. 2, n. 2, jul./dez., 2012. p.35-53.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesse. **A Cartografia no ensino da Geografia.** Construindo os caminhos do cotidiano. Gravit. Francisco Beltrão –Pr. 1997.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Ensinar e aprender Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensino Em Re-Vista** , Uberlândia, MG. v.25. 2018. p. 1036 - 1055.

IBGE. **O que é cartografia?** Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-cartografia.html> Acesso em: 25. abr.2018.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=29> Acesso em: 25. Abr. 2018.

LACOSTE, Yves. **A geografia-** Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução Maria Cecília França. Campinas SP: Papirus, 1988. 263 p.

LIMA, M. S. B; MOREIRA, E. V. A Pesquisa Qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente. n.37, v.2. 27-55.p. ago./dez. 2015.

LIMA, Salete Teixeira de. Análise Crítica das representações cartográficas nos livros didáticos de 1º e 2º graus. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo. Nº70. 2º sem. 1991

MACHADO, J R; DIAS, F.F.P. **Alfabetização cartográfica no ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental:** importância e desafios. Revista ACTA Geográfica. Boa Vista, 2013.

MARTINELLI, Marcello. **Gráficos e mapas:** Construa-os você mesmo. Assessoria Didática Graça, São Paulo; Moderna, 1998. 120 p.

MELO, Ismail Barra Nova de; OLIVEIRA, Livia de. Proposição de uma cartografia escolar no ensino superior. In . ORTIGOZA, Sílvia A. Guarnieri; GERARDI, Lucia Helena de Oliveira, (org.). **Temas da Geografia Contemporânea**. Rio Claro : UNESP/IGCE : AGETEO, 2009. p.291–305.

MENEZES, Victória Sabbado. A HISTORIOGRAFIA DA GEOGRAFIA ACADÊMICA E ESCOLAR: UMA RELAÇÃO DE ENCONTROS E DESENCONTROS. **Geographia Meridionalis**, v. 1, n. 2. jul-dez. 2015. 343-362 p. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/index> acesso em: 28 de abr. de 2018.

MOREIRA, H. CALEFFE, L, G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. 245 p.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

MOREIRA, Suely Aparecida Gomes; ULHÔA, Leonardo Moreira. Ensino em geografia: Desafios à prática docente na atualidade. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 69-80, 2009.

MORONE, Rosimeire. **O uso de croquis cartográficos no Ensino Médio.** Orientador: Profa. Dra. Maria Elena Simielli. 2007. 169 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Educação geográfica e a formação da consciência espacial\_cidadã: contribuições dos princípios geográficos. **Bol. geogr. Maringá**, v. 26/27. n.1.p. 25\_31, 2008/2009.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. IN: CARLOS, A. F. A. (Org) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 1999. 144 p.

OLIVEIRA, L. D. ESTUDO METODOLÓGICO E COGNITIVO DO MAPA. IN: ALMEIDA, R. D. (Org) **Cartografia Escolar**. 2.ed. São Paulo: Contexto. 2010. p.15-41.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012. 215p.

PISSINATI, M. C, ARCHELA, R.S. Fundamentos da Alfabetização Cartográfica. **Revista Geografia**,v.16, p. 169 – 195, jan / jun.2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N.H. A formação docente e o ensino superior.In: \_\_\_\_\_. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.p.87-103.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Universidade- FEEVALE; Novo Hamburgo RS, 2013. 276p.

RUIZ, João A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 177 p.

SANTOS, F.; FECHINE, J. A. L. A cartografia escolar e sua importância para o ensino de Geografia. **Caderno de Geografia**, v.27, n.50, 500-515 p. out/dez. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SIMIELLI, M. E. O MAPA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA. IN: ALMEIDA, R. D. (Org) **Cartografia escolar**. 2 ed .São Paulo: Contexto.. 2010. P.71-93.

SOUZA, José G. de; KATUTA, Ângela M. **Geografia e conhecimentos cartográficos: A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.162 p.

UNIVESP. **Desafios da educação: Especial – O Currículo de Geografia na Base Nacional Comum Curricular**. 2015. (29m 29s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aRsDawzSVgE> acesso em 11 de nov. de 2018.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 200 p.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores.

#### QUESTIONÁRIO

1. Marque a alternativa correspondente a sua formação acadêmica:
  - a) Graduação: licenciatura em Geografia.
  - b) Graduação: licenciatura em outra área.
  - c) Pós-graduação: Geografia.
  - d) Pós-graduação: outra área.
  - e) Mestrado: Geografia.
  - f) Mestrado: outra área
  - g) Doutorado: Geografia.
  - h) Doutorado: outra área.
2. Marque a alternativa correspondente a sua carga-horária de trabalho semanal:
  - a) 20 horas.
  - b) 40 horas.
  - c) 60 horas.
3. Há quantos anos você é professor nesta unidade?
  - a) Menos de 01 ano.
  - b) De 01 a 02 anos.
  - c) De 03 a 05 anos.
  - d) De 06 a 08 anos.
  - e) De 09 a 10 anos.
  - f) De 11 a 15 anos.
  - g) De 16 a 20 anos.
  - h) Mais de 20 anos.
4. Há quanto tempo ensina a disciplina Geografia?
  - a) Menos de 01 ano.
  - b) De 01 a 02 anos.
  - c) De 03 a 05 anos.
  - d) De 06 a 08 anos.
  - e) De 09 a 10 anos.
  - f) De 11 a 15 anos.

- g) De 16 a 20 anos.
  - h) Mais de 20 anos.
5. Em quais turmas você ensina Geografia?
- a) 6º ano
  - b) 7º ano
  - c) 8º ano
  - d) 9º ano
  - e) Todas as turmas
6. Quais os materiais didáticos e/ou produtos cartográficos você costuma utilizar ao trabalhar com a linguagem cartográfica?
- a) Mapas
  - a) Livro didático
  - b) Globo terrestre
  - c) Atlas escolares
  - d) Cartas topográficas
  - e) Jogos
7. Quais as dificuldades você, enquanto professor de Geografia se depara para utilizar materiais didáticos e produtos cartográficos ao trabalhar com a linguagem cartográfica?

---

---

---

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (2018).



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N<sup>o</sup>  
466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
 Documento de Identidade n<sup>o</sup>: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ / (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ /

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** A CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO DA GEOGRAFIA: O caso do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa em Serrolândia- Bahia.
2. **PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Ione Oliveira Jatobá Leal  
**Cargo/Função:** Professora orientadora

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: A CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO DA GEOGRAFIA: O caso do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa em Serrolândia- Bahia, de responsabilidade da pesquisadora Ione Oliveira Jatobá Leal, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: Analisar como os professores do 6º ano do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa trabalham os conceitos cartográficos em sala de aula. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como a elaboração de propostas e metodologias de ensino que contribuam com a prática docente. Caso aceite o Senhor (a) responderá questionário e também participará de grupo focal, onde a entrevista será gravada em áudio, pelas alunas **Danielle Rocha Angelim da Silva e Josiane Jordão Silva** do curso de graduação em Geografia. A pesquisa presa pelo respeito, autonomia e dignidade dos participantes, no entanto a pesquisa

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

prevê possíveis riscos aos participantes que incluem há possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas do questionário e do grupo focal; estresse; desconforto; quebra de sigilo; cansaço ao responder às perguntas e quebra de anonimato, com o intuito de minimizar esses riscos garantimos que as respostas serão confidenciais; o questionário não será identificado pelo nome para que seja mantido o anonimato; os participantes receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa; leitura do TCLE; o grupo focal poderá ser interrompido a qualquer momento e garantia de sigilo. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr (a) não será identificado (a). Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

##### **1. PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Ione Oliveira Jatobá Leal**

**Endereço:** Rua Otávio Mangabeira, nº 97 **Telefone:** (74)9101-9816, **E-mail:** [ioneleal@uneb.br](mailto:ioneleal@uneb.br)

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar-Cabula, Salvador- BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos e benefícios da pesquisa, A CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO DA GEOGRAFIA: O caso do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa em Serrolândia- Bahia, e riscos de minha participação na pesquisa , e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada a pesquisadora e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) professor (a) responsável  
(orientador)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a) discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a) discente  
(orientando)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

## ANEXOS

### ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP.



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO DA GEOGRAFIA: O caso do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa em Serrolândia- Bahia.

**Pesquisador:** Ione Oliveira Jatobá Leal

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 04219218.7.0000.0057

**Instituição Proponente:** Universidade do Estado da Bahia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.301.114

##### Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa foi apresentado como conclusão de curso da licenciatura em Geografia ele tem busca analisar como os professores do 6ª ano do COMAGS trabalham os conceitos cartográficos em sala de aula, bem como contribuir, por meio de aplicação de oficinas pedagógicas, com a prática docente dos sujeitos da pesquisa.

##### Objetivo da Pesquisa:

Analisar como os professores do 6ª ano do COMAGS trabalham os conceitos cartográficos em sala de aula.

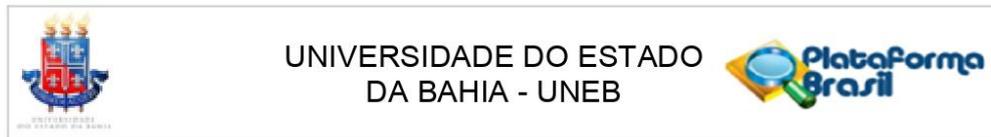
##### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No formulário PB vem descrito como riscos: "A pesquisa prevê possíveis riscos aos participantes que incluem há possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas do questionário e do grupo focal; estresse; desconforto; quebra de sigilo; cansaço ao responder às perguntas e quebra de anonimato".

Comentários: A pesquisadora reenviou o projeto refazendo esse item e atendeu às normativas 466/2012 e a 510/2016.

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.301.114

**Benefícios:**

Segundo o formulário PB foi identificado como benefício: A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como a elaboração de propostas e metodologias de ensino que contribuam com a prática docente.

Comentários: A pesquisadora refez esse item e atendeu as normativas Resoluções 466/2012 e 510/2016.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem relevância, pois estuda a metodologia do ensino da geografia nas escolas.

**Critério de Inclusão:**

serão selecionados os professores que lecionam geografia nas turmas de 6º ano do Colégio Municipal Arionete Guimarães de Sousa, independente de terem formação em Geografia.

**Critério de Exclusão:**

Não participarão da pesquisa professores que não lecionam Geografia ou lecionam geografia, porém não são professores em turmas de 6º ano.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto: em conformidade

Termo de autorização da coparticipante: em conformidade

Termo de autorização da proponente: em conformidade

Termo de Compromisso: em conformidade

Termo de confidencialidade: em conformidade

Termo de concordância: em conformidade

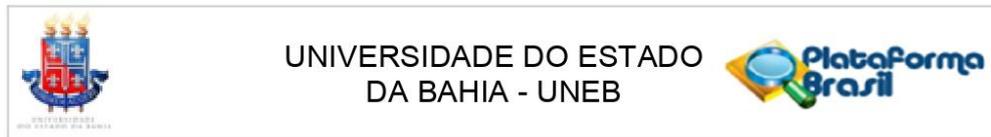
TCLE: em conformidade.

Cronograma: em conformidade

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

<b>Endereço:</b> Rua Silveira Martins, 2555	<b>CEP:</b> 41.195-001
<b>Bairro:</b> Cabula	
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> SALVADOR
<b>Telefone:</b> (71)3117-2399	<b>Fax:</b> (71)3117-2399
	<b>E-mail:</b> cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.301.114

contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1243383.pdf	19/03/2019 15:43:47		Aceito
Outros	doc.pdf	19/03/2019 15:42:57	DANIELLE ROCHA ANGELIM DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/12/2018 18:04:32	Josiane Jordão Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoinvestigador.pdf	06/12/2018 17:26:31	Josiane Jordão Silva	Aceito
Outros	documento.pdf	03/12/2018 17:19:58	Josiane Jordão Silva	Aceito
Outros	documento7.pdf	03/12/2018 17:18:40	Josiane Jordão Silva	Aceito
Outros	documento6.pdf	03/12/2018 17:07:22	Josiane Jordão Silva	Aceito
Outros	documento1.pdf	03/12/2018 17:04:59	Josiane Jordão Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	documento2.pdf	03/12/2018 17:02:35	Josiane Jordão Silva	Aceito
Folha de Rosto	documento3.pdf	03/12/2018	Josiane Jordão Silva	Aceito

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

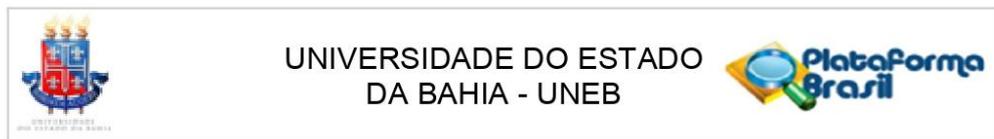
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.301.114

Folha de Rosto	documento3.pdf	16:44:53	Josiane Jordão Silva	Aceito
----------------	----------------	----------	----------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 03 de Maio de 2019

---

**Assinado por:**  
**Aderval Nascimento Brito**  
 (Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br